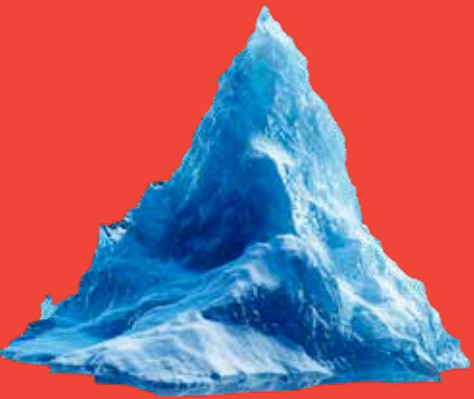


imaginarius

festival de artes performativas
em espaço público

santa maria da feira

21-23 maio'26



25 anos: uma geração imaginada, um futuro comum

25 years: an imagined generation, a shared future

Amadeu Albergaria

Presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira *Mayor of Santa Maria da Feira*

Celebrar vinte e cinco anos do Imaginarius é reconhecer um percurso que transformou profundamente a relação entre criação artística e espaço público em Santa Maria da Feira. O que começou como uma aposta clara na ocupação artística da cidade tornou-se, ao longo do tempo, um projeto cultural estruturante, capaz de influenciar práticas, políticas e percepções. Não se trata apenas de um festival que acontece anualmente, mas de um processo continuado que foi moldando uma identidade territorial, criando referências e consolidando uma imagem reconhecível no panorama nacional e europeu da criação artística em espaço público.

Ao longo deste quarto de século, o Imaginarius construiu um legado que vai muito além da memória dos espetáculos apresentados. Construiu uma geração. Uma geração de artistas que encontraram no espaço público um campo legítimo de experimentação e risco. Uma geração de profissionais que se formou em contexto real, cruzando produção, mediação, comunicação e pensamento crítico. Uma geração de públicos que aprendeu a habitar o território de outra forma, reconhecendo o espaço comum como lugar de encontro, de fricção e de descoberta. Esta geração Imaginarius não é apenas cronológica, é cultural e simbólica. É o resultado de uma prática consistente que recusou leituras simplificadas da cultura enquanto produto de consumo e assumiu a criação artística como prática política e como ferramenta de construção coletiva.

O Imaginarius afirmou-se progressivamente como um projeto cultural que ultrapassa a lógica da programação entendida como sucessão de eventos. Num tempo marcado pela aceleração, pela fragmentação do pensamento e pela instrumentalização da cultura, o projeto escolheu a desaceleração ativa. Escolheu criar contextos exigentes de criação, promover o risco artístico, apoiar processos de investigação e testar modelos de relação entre artistas, território e comunidade. Este percurso permitiu consolidar um verdadeiro ecossistema cultural, integrando criação, produção, difusão e comunicação, e promovendo relações mais estruturadas e sustentáveis entre agentes locais, nacionais e internacionais.

A vocação internacional do Imaginarius desempenhou um papel decisivo nesta construção, posicionando Santa Maria da Feira como território de referência no domínio da arte em espaço público e integrando o município em redes e debates europeus sobre cultura, democracia e cidade. O festival tornou-se, assim, um dispositivo estratégico de política cultural, capaz de articular artes performativas, arte urbana, criação contemporânea e desenvolvimento territorial.

Assinalar 25 anos não é, por isso, um gesto nostálgico. É um momento de responsabilidade. A maturidade conquistada impõe uma reflexão crítica sobre o caminho percorrido e sobre os desafios que se colocam ao presente. O contexto mudou, as linguagens artísticas evoluíram, as expectativas dos públicos transformaram-se e o espaço público tornou-se ainda mais disputado, física e simbolicamente. Perante este cenário, o Imaginarius escolhe reposicionar-se de forma clara e consciente, reforçando a sua identidade enquanto projeto dedicado à criação artística em espaço público e afirmando esta escolha como eixo central da sua visão futura.

Este reposicionamento traduz uma evolução natural. De festival de teatro de rua para projeto cultural multidisciplinar com foco estratégico na arte em espaço público, o Imaginarius amplia o seu domínio de ação e assume-se como processo contínuo de construção com a comunidade. O espaço público não é apenas cenário, é matéria viva de intervenção, campo de experimentação estética, social e política. O território é entendido como organismo complexo, onde a prática artística pode informar decisões públicas, gerar reflexão crítica e contribuir para uma política cultural mais integrada e ambiciosa.

Falar de futuro implica assumir que a cultura não é acessória, é central na construção de territórios mais abertos, mais criativos e mais preparados para lidar com a incerteza. O Imaginarius afirma hoje Santa Maria da Feira como território que não se limita a acolher programação, mas que cria condições para a criação, para a permanência e para a circulação de talento. Um território que reconhece o espaço público como ativo estratégico, como lugar de identidade e como laboratório de convivência.

Trabalhar para uma geração Imaginarius é investir numa visão de longo prazo. É aproximar continuamente novos públicos da cultura, estimular o surgimento de projetos emergentes, identificar interlocutores locais permanentes e gerar confiança entre organização, artistas e comunidade. É criar hábitos coletivos de encontro, deixar referências utilizáveis para lá do momento do evento e integrar naturalmente as intervenções culturais na vida diária da cidade. É pensar infraestruturas e dispositivos que respondam às necessidades identificadas e que consolidem o papel da cultura como elemento estruturante do desenvolvimento simbólico e social.

Aos 25 anos, o Imaginarius não se apresenta como projeto concluído. Afirma-se como marca cultural consolidada, com ADN próprio, valor reconhecido por várias gerações e capacidade de reinvenção. Uma identidade que evolui, que renova a sua expressão visual e conceptual e que assume o futuro como responsabilidade comum.

Uma geração foi imaginada ao longo deste percurso. O desafio agora é transformar essa herança num futuro partilhado, onde a arte em espaço público continue a ser instrumento de pensamento, de encontro e de construção coletiva.



Celebrating twenty-five years of Imaginarius means recognising a journey that has profoundly transformed the relationship between artistic creation and public space in Santa Maria da Feira. What began as a clear commitment to the artistic occupation of the city has, over time, become a core cultural project, capable of influencing practices, policies and perceptions. It is not merely a festival that takes place annually, but an ongoing process that has shaped a territorial identity, created reference points and consolidated a recognisable presence within the national and European landscape of artistic creation in public space.

Over this quarter century, Imaginarius has built a legacy that extends far beyond the memory of the performances presented. It has built a generation. A generation of artists who have found in public space a legitimate field for experimentation and risk. A generation of professionals formed in real contexts, navigating production, mediation, communication and critical thinking. A generation of audiences who have learned to inhabit the territory differently, recognising the shared space as a place of encounter, friction and discovery. This Imaginarius generation is not merely chronological, it is cultural and symbolic. It is the result of a consistent practice that has refused simplified readings of culture as a consumable product and has instead embraced artistic creation as a political act and a tool for collective construction.

Imaginarius has progressively established itself as a cultural project that moves beyond the logic of programming understood as a sequence of events. In a time marked by acceleration, fragmentation of thought and the instrumentalisation of culture, the project has chosen active deceleration. It has chosen to create demanding contexts for artistic creation, to promote artistic risk, to support research processes and to test models of interaction between artists, territory and community. This path has enabled the consolidation of a true cultural ecosystem, integrating creation, production, dissemination and communication, while fostering more structured and sustainable relationships between local, national and international actors.

The international vocation of Imaginarius has played a decisive role in this development, positioning Santa Maria da Feira as a reference territory in the field of art in public space and integrating the municipality into European networks and debates on culture, democracy and the city. The festival has thus become a strategic tool for cultural policy, capable of articulating performing arts, urban art, contemporary creation and territorial development.

Marking twenty-five years is therefore not a nostalgic gesture. It is a moment of responsibility. The maturity achieved demands a critical reflection on the path taken and on the challenges of the present. The context has changed, artistic languages have evolved, audience expectations have shifted, and public space has become even more contested, both physically and symbolically. In response, Imaginarius chooses to reposition itself clearly and consciously, reinforcing its identity as a project dedicated to artistic creation in public space and affirming this commitment as the central axis of its future vision.

This repositioning reflects a natural evolution. From a street theatre festival to a multidisciplinary cultural project with a strategic focus on art in public space, Imaginarius expands its field of action and asserts itself as a continuous process of construction with the community. Public space is not merely a backdrop, it is a living material for intervention, a field for aesthetic, social and political experimentation. The territory is understood as a complex organism, where artistic practice can inform public decision-making, generate critical reflection and contribute to a more integrated and ambitious cultural policy.

To speak about the future is to acknowledge that culture is not peripheral, it is central to the construction of more open, more creative territories, better equipped to deal with uncertainty. Today, Imaginarius affirms Santa Maria da Feira as a territory that does not merely host programming, but builds the conditions for creation, permanence and circulation of talent. A territory that recognises public space as a strategic asset, as a place of identity and as a laboratory for coexistence.

Working towards an Imaginarius generation means investing in a long-term vision. It means continuously bringing new audiences closer to culture, stimulating the emergence of new projects, identifying lasting local interlocutors and building trust between the organisation, artists and community. It means creating collective habits of encounter, leaving usable references beyond the moment of the event and naturally integrating cultural interventions into the daily life of the city. It means thinking about infrastructures and devices that respond to identified needs and that consolidate the role of culture as a structuring element of symbolic and social development.

At twenty-five years, Imaginarius does not present itself as a completed project. It asserts itself as a consolidated cultural brand, with its own DNA, recognised value across generations and a capacity for reinvention. An identity that evolves, renews its visual and conceptual expression, and assumes the future as a shared responsibility.

A generation has been imagined throughout this journey. The challenge now is to transform that legacy into a shared future, where art in public space continues to be a tool for thought, encounter and collective construction.

Imaginarium 2026 em números in numbers

16
países countries

Alemanha Germany, **Argentina** Argentina, **Austrália** Australia, **Bélgica** Belgium, **Brasil** Brazil, **Canadá** Canada, **Chile** Chile, **Eslovénia** Slovenia, **Espanha** Spain, **Finlândia** Finland, **França** France, **Irlanda** Ireland, **Itália** Italy, **Nova Zelândia** New Zealand, **Portugal** Portugal, **Reino Unido** United Kingdom

39
espetáculos performances

1
instalação installation

42
companhias companies

+200
artistas artists

+125
apresentações presentations

5
estreias absolutas world premieres

Em 3 dias, o mundo cabe aqui
In three days, the world fits here.

Programação Programme

Celebrar é escolher como continuamos.
Os próximos 25 anos são agora.

Há territórios que se mostram e outros que exigem escolha para se revelarem. O Imaginarium habita esse intervalo. Enquanto festival de artes performativas em espaço público, afirma-se como um lugar instável, feito de escolhas e movimentos, onde o urbano deixa de ser cenário e passa a ser matéria viva, marcada por fricções, pertencas instáveis e gestos de resistência. A cidade surge como território em tensão e em disputa, atravessado por gestos, rituais, máscaras e movimentos que expõem desigualdades, vigilâncias e desejos de libertação. O espaço comum torna-se num campo simbólico e real, onde identidade(s), pertença e coletivo se confrontam e se reinventam. Estar, ocupar ou atravessar será sempre um gesto sensível e político. Neste território, nada se completa num único percurso, tudo se constrói na travessia. Neste território, a lógica dominante não é a da progressão linear nem da previsibilidade. Os ritmos sobrepõem-se e fragmentam-se, há ações que insistem, que se repetem, que sobem, que derretem, que empurram o presente para o limite.

O Imaginarium convoca a vertigem do agora, o risco e a irreversibilidade. Não se trata de explicar o futuro, mas de o fazer sentir, com a urgência que já habita o presente, nos limites físicos, ambientais e humanos que atravessamos diariamente. O festival acontece em múltiplos lugares em simultâneo, assumindo a fragmentação como condição. E, mesmo nesse limiar, a energia não desaparece. Multiplica-se e desloca-se. O jogo, o ritmo, o humor, o esforço partilhado e a celebração surgem como formas de ocupação do espaço e de construção do comum. Criam-se comunidades efémeras e intensas, onde o movimento não abranda e a irreverência não é fuga, é tomada de posição. Continuar, repetir, insistir tornam-se escolhas conscientes. Resistir é também celebrar, juntos.

A programação desta edição não propõe uma leitura única nem um mapa fechado: não se trata de percorrer o conjunto, mas de escolher caminhos. Aponta opções, zonas de gravidade onde as propostas se aproximam, se cruzam e se tensionam. Cada pessoa constrói o seu próprio Imaginarium, movendo-se entre a cidade em disputa, o futuro como vertigem e limite(s), e a energia como forma de resistência. A escolha afirma-se como autoria coletiva, o território como dramaturgia comunitária e a impossibilidade como método. Cabe a cada um de nós percorrer estas órbitas à sua maneira, sabendo que é nesse atravessamento instável, sensível e partilhado que a imaginação se torna prática viva. Em 3 dias, o mundo cabe aqui.

To celebrate is to choose how we continue.
The next 25 years are now.

There are territories that reveal themselves immediately, and others that require a choice in order to emerge. Imaginarium inhabits that interval. As a festival of performing arts in public space, it asserts itself as an unstable place, shaped by choices and movements, where the urban environment ceases to be a backdrop and becomes living matter, marked by frictions, unstable forms of belonging and gestures of resistance. The city appears as a territory under tension and in dispute, crossed by gestures, rituals, masks, and movements that expose inequalities, systems of surveillance, and desires for liberation. Common space becomes both a symbolic and a real field, where identity(ies), belonging, and the collective confront and reinvent themselves. To be present, to occupy, or to pass through is always a sensitive and political act. In this territory, nothing is completed in a single trajectory, everything is built through crossing. Here, the dominant logic is neither linear progression nor predictability. Rhythms overlap and fragment, actions insist, repeat themselves, rise, melt, and push the present to its limits.

Imaginarium summons the vertigo of the now, risk, and irreversibility. It is not about explaining the future, but about making it felt, with the urgency already embedded in the present, within the physical, environmental, and human limits we navigate every day. The festival unfolds across multiple places simultaneously, embracing fragmentation as a condition. And even at this threshold, energy does not disappear. It multiplies and shifts. Play, rhythm, humour, shared effort, and celebration emerge as ways of occupying space and constructing the common. Ephemeral yet intense communities are formed, where movement does not slow down and irreverence is not an escape, but a position. To continue, to repeat, to insist become conscious choices. To resist is also to celebrate, together.

The programme of this edition does not propose a single reading nor a closed map. It is not about covering everything, but about choosing paths. It points to possibilities, to zones of gravity where proposals draw closer, intersect, and create tension. Each person constructs their own Imaginarium, moving between a city in dispute, the future as vertigo and limit(s), and energy as a form of resistance. Choice asserts itself as collective authorship, territory as communal dramaturgy, and impossibility as method. It is up to each of us to navigate these orbits in our own way, knowing that it is through this unstable, sensitive, and shared crossing that imagination becomes a living practice. In three days, the world fits here.

THAW
Legs On The Wall^{AU}

ADN, Odyssee verticale
Transe Express^{FR}

B-O-M!
Cie. Le Piston Errant^{FR}

Correfoc
Diablos del Barri Gòtic^{ES} + Forum Ambiente e Cidadania^{PT}

Drop me if you dare
Joli Vyann^{UK}

Fuego
Gratte Ciel^{FR}

Mirage (un jour de fête)
Cie. Dyptik^{FR}

Runners
Hipana Maleta^{IE/DE/ES}

MAMIL(a)S
Desvio Coletivo^{BR}

mEza
Projeto EZ^{PT}

Xics del Xurrac
Tombs Creatius^{ES}

Isla of Flightless Birds
Duo ACASO^{PT/BR/SI}

Nómadas
LaB In Dança^{PT}

Ossos de Ofício
Inês Vieira e Tiago Vieira^{PT}

Sinapse Colapse
Meio Circo^{PT}

Virulana
Merlina^{PT/AR}

Brass Band
P.O.S.S.E^{PT}

Concerto
Feel the Steel Brass Band^{PT}

Festa de encerramento
25 anos Imaginarium
polaroît^{DE}



THAW Legs On The Wall ^{AU}

23 maio *may*, 15:00 – 23:00 · Igreja *Matriz*

PERFORMANCE · **INSTALAÇÃO** *PERFORMANCE · INSTALLATION · 480' · 6+*
Estreia nacional *Portuguese premiere*

THAW suspende o tempo e desloca o olhar. No alto, suspensa, uma figura isolada procura equilíbrio sobre toneladas de gelo que se desfazem lentamente, à vista de todos. Aqui, há duração, esforço e exposição. O que acontece não é espetáculo no sentido clássico, é presença prolongada perante um processo irreversível.

À medida que a luz muda e o gelo derrete, o corpo torna-se medida do tempo real. Cada gesto carrega fragilidade, resistência e atenção extrema. O risco não é simbólico, é concreto. O equilíbrio é sempre provisório. O espaço transforma-se num campo de tensão onde natureza, engenharia e ação humana coexistem num mesmo plano.

THAW é uma imagem poderosa do presente que habitamos. Um gesto de resistência silenciosa que convoca responsabilidade coletiva e atenção partilhada, lembrando-nos que o futuro não se anuncia, está já em curso. Aqui, não se explica a urgência. Sente-se. E não há tempo a perder.

THAW suspends time and shifts our gaze. High above, held in suspension, a solitary figure seeks balance atop tonnes of ice that slowly disintegrate in full view. Here, there is duration, effort and exposure. What unfolds is not spectacle in the classical sense, but an extended presence before an irreversible process.

As the light changes and the ice melts, the body becomes the measure of real time. Every gesture carries fragility, resistance and heightened attention. The risk is not symbolic, it is real. Balance is always provisional. The space turns into a field of tension where nature, engineering and human action coexist on the same plane.

THAW is a powerful image of the present we inhabit. A silent act of resistance that calls for collective responsibility and shared attention, reminding us that the future does not announce itself, it is already under way. Here, urgency is not explained. It is felt. And there is no time to waste.

Criação e direção Creation and direction Joshua Thomson · Intérpretes Performers Joshua Thomson; Anna McCulla; Isabel Estrella · Composição musical Musical composition Matthew Burtner · Design e produção do dispositivo cénico Set apparatus design and production David Jackson · Figurinos Costume design Aleisa Jelbart · Segurança e rigging Safety and rigging Byron Cleasby · Direção de cena Stage direction Stephanie Cox · Gestão de projeto Project management (Legs On The Wall) Stephanie Tatzenko · Direção-geral General direction (Legs On The Wall) James Beach · Assistência administrativa Administrative assistance (Legs On The Wall) Eva Caley · Intérpretes anteriores Previous performers Tamara Bouman; Victoria Hunt; Jenni Large; Vicki Van Hout · Dramaturgia (consultoria) Dramaturgy (consultancy) Liesel Zink · Artistas colaboradores na fase de desenvolvimento Collaborating artists during development Lisa Fatalefi; Gabrielle Nankivell; Leah Shelton; Deborah Brown · Parceiro de engenharia Engineering partner Ironbridge Engineering · Produção original Original production Cecily Hardy · Apresentação original Original presentation Sydney Festival; Sydney Opera House



ADN, Odyssée verticale Transe Express ^{FR}

22 maio *may*, 23:00 · 23 maio *may*, 23:30 · Parque Urbano *Condes de Fijó*

TEATRO AÉREO *AERIAL THEATRE · 50' · 3+*
Estreia nacional *Portuguese premiere*

ADN é uma odisseia vertical, uma ópera eletrónica que narra a epopeia de indivíduos confrontados com o seu próprio percurso. Desafios coletivos e provas individuais desenrolam-se no coração de uma arquitetura monumental em constante transformação, onde subir implica construir, desconstruir, colaborar e arriscar.

Ao longo da ascensão, os intérpretes reconfiguram o espaço à medida que se transformam a si próprios. Entre canto, música, teatro aéreo e acrobacia, a escalada torna-se coreografia e a verticalidade revela-se tanto como impulso quanto como vertigem. A estrutura cresce a partir do solo e liga o espaço urbano ao céu, convocando mitos antigos e perguntas profundamente atuais. O tempo parece dilatar-se, o espaço distorce-se, e o futuro deixa de ser promessa para se tornar experiência vivida.

ADN propõe um gesto de elevação que não encerra respostas. Coloca o humano perante o desejo recorrente de ultrapassar limites e lembra-nos que imaginar o futuro passa também por enfrentar o risco, a instabilidade e as consequências de construir sempre mais alto.

ADN is a vertical odyssey, an electro-opera that traces the epic journey of individuals confronted with their own path. Collective challenges and individual trials unfold at the heart of a monumental architecture in constant transformation, where ascending means building, dismantling, collaborating and taking risks.

Throughout the ascent, the performers reconfigure the space as they transform themselves. Between singing, music, aerial theatre and acrobatics, the climb becomes choreography and verticality reveals itself as both impulse and vertigo. The structure grows from the ground and connects the urban space to the sky, summoning ancient myths and deeply contemporary questions. Time seems to expand, space distorts, and the future ceases to be a promise to become a lived experience.

ADN proposes a gesture of elevation that offers no answers. It places the human being before the recurring desire to surpass limits and reminds us that imagining the future also means confronting risk, instability and the consequences of always building higher.

Direção artística Artistic direction Rémi Allaire;Éléonore Guillemaud · Escrita e encenação Writing and direction Rémi Allaire; Éléonore Guillemaud; Matthieu Neumann · Cenografia Set design · Matthieu Neumann · Composição musical Musical composition Yvan Talbot; Vanessa Hidden · Coreografia vertical Vertical choreography Antoine Le Menestrel · Coreografia Choreography Yasminee Lepe · Apoio à dramaturgia Dramaturgical support Rocio Berenguer · Engenharia estrutural Structural engineering Pierre Garabiol · Construção da estrutura aérea Construction of the aerial structure Arnaud Grasset; Anais Rocher; Eve Baudvin; Marianne Olivier · Figurinos Costume design Arnaud Jarsailion; Clotilde Laude · Interpretação Performers Acrobacias, aereas,dança,vertical Aerial acrobatics and vertical dance (6 acrobatas selecionados selected acrobats): Lutz Christian; Eva Manin; Luah Marquez; Maëlys Rousseau; Fantin Sequin; Gal Zedee; Emilie Gressi; Isabelle Falcomata; Aourel Krausse Discussão Discussion (7 músicos selecionados selected musicians): Agathe Bednarz; Auric; Fumet; Aurélien Escala; Ivan Talbot;Joel Catalan; Julien Ragaigine; Kahtwan Cheikh; Lucas Comte; Marie Frier; Olivier Mirande; Ornella Debono; Sylvain Esnault; Tiphaine Haouy; Tiphaine Moreau; Mario Allègre Yoz Yoiz Sara Giommetti; Vanessa Hidden; Anandha Seethanan · Direção de cena Stage direction Thomas Boccard; Tintin Orsoni · Direção técnica Technical direction Loïc Marjion · Riggers Riggers Béatrice Contreras; Nicolas Lourdelle · Desenho e operação de iluminação Lighting design and operation Arnaud Barbieri; Agathe Patonnier · Operação de som Sound operation Marc-Alexandre Marzio · Secretariado-geral General secretary Yannick Vallin · Administração e produção Administration and production Lucie Roibet · Produção e difusão Production and touring Mélanie Masson; Alexandre Rebiere · Coprodução Co-production Le Cratère – Scène Nationale (Alès); Le Moulin Fondu – CNAREP (Garges-lès-Gonesse); Atelier Z31 – CNAREP (Sotteville-lès-Rouen); Le Parapluie – CNAREP (Aurillac); Nil Admirari / Nil Obstrat (Saint-Ouen-l’Aumône); L’Abattoir – CNAREP (Chalon-sur-Saône); Scène Nationale Espace des Arts (Chalon-sur-Saône); Quelques p’Arts – CNAREP (Boullieu-lès-Annonay) · Apoios Support Ministério da Cultura de França – DGCA French Ministry of Culture – DGCA; Auvergne-Rhône-Alpes · Outros apoios Additional support Béal Company; SACD – Copie Privée; SPEDIDAM



B-O-M! Cie. Le Piston Errant ^{FR}

21 maio *may*, 23:00 · 22 maio *may*, 22:30 · 23 maio *may*, 00:30 · Praça *Dr. Gaspar Moreira*

TEATRO DE OBJETOS · MÚSICA *OBJECT THEATRE · MUSIC · 50' · 6+*
Estreia nacional *Portuguese premiere*

Entre música, máquinas e corpos em fricção, instala-se um transe mecânico onde nada funciona de forma totalmente previsível. Dois músicos e um *machinista* ativam um universo sonoro instável, acompanhados por um baterista automático que parece ganhar vida própria. O *blues-rock* surge como matéria bruta, repetitiva e hipnótica, conduzindo o público por uma experiência sensorial onde o erro, a avaria e o desvio são parte do jogo.

Neste espetáculo, a relação entre humanos e máquinas é tudo menos funcional ou asséptica. As engrenagens rangem, os automatismos falham, os objetos envelhecem, insistem e resistem. As máquinas são frágeis, caprichosas e poéticas, refletem quem as constrói e quem as ativa. Não são futuristas, são vividas, marcadas pelo uso, pelo desgaste e pela improvisação.

Entre som, movimento e imagens sonoras delirantes, constrói-se um ritual onde tecnologia e emoção se contaminam mutuamente. **B-O-M!** transforma o espaço público num lugar de jogo e celebração indisciplinada, onde continuar a tocar, a girar e a vibrar se torna um gesto de resistência. Uma mecânica imperfeita que, como o *blues*, nunca se fecha, apenas espera o próximo coro.

Between music, machines and bodies in friction, a mechanical trance takes hold, where nothing functions in a fully predictable way. Two musicians and a machinist activate an unstable sonic universe, accompanied by an automatic drummer that seems to take on a life of its own. Blues rock emerges as raw, repetitive and hypnotic material, guiding the audience through a sensory experience where error, breakdown and deviation are part of the game.

In this performance, the relationship between humans and machines is anything but functional or sterile. Gears grind, automatisms fail, objects age, persist and resist. The machines are fragile, temperamental and poetic, reflecting those who build them and those who activate them. They are not futuristic, they are lived in, marked by use, wear and improvisation.

Between sound, movement and delirious sonic images, a ritual is constructed where technology and emotion contaminate one another. **B-O-M!** transforms the public space into a place of play and undisciplined celebration, where continuing to play, to spin and to vibrate becomes an act of resistance. An imperfect mechanism that, like the blues, never closes, it simply waits for the next chorus.

Interpretação Performers Charlie Dufau; Valentin Hironnelle;Rémi Lançon · Música Music Charlie Dufau · Ideia, cenografia, máquinas e efeitos Concept, set design, machines and effects Valentin Hironnelle · Automatismos e eletrónica Automations and electronics Coline Feral · Olhar externo e acompanhamento cénico External eye and stage accompaniment Jérôme Martin · Texto Text Francis Kasl · Difusão Touring Mathilde Idelet · Administração Administration ACROCS Productions · Produção Production ACROCS Productions · Apoio à criação Creation support ACROCS Productions – Targon, França; Atelier Alain Le Bras – Ville de Nantes, França; Garage Moderne – Bordeaux, França; Collectif Garage Lezarts – Lestiac, França; L’Entre-Vivre – Podensac, França; Les Oiseaux Mécaniques – Lestiac, França



Correfoc Diables del Barri Gòtic ^{ES} + Forum Ambiente e Cidadania ^{PT}

22 maio *may*, 00:00 · 23 maio *may*, 22:50 · Casa do *Moinho* · Igreja *Matriz*

ARTE POPULAR *POPULAR ART · 40' · 6+*

O Correfoc afirma-se como uma prática viva de ocupação do espaço público, onde a cidade se torna território de tensão, encontro e transformação coletiva. Um gesto ancestral que atravessou gerações não por permanecer intacto, mas por se reinventar continuamente, mantendo o fogo, o ritmo e o corpo coletivo como linguagens de presença, resistência e celebração.

Esta ação nasce do encontro entre uma associação catalã de *diables* e uma associação feirense dedicada ao trabalho com fogo e percussão. O cruzamento assume a multiculturalidade como prática conceptual, não como justaposição, mas como relação construída no tempo, na escuta e na partilha do risco. O fogo surge aqui como matéria simbólica e política, capaz de suspender temporariamente a ordem urbana e de ativar uma experiência comum intensa e exigente.

O Correfoc transforma ruas e praças em percurso. Não há palco fixo nem distância segura entre quem observa e quem atravessa. O público é convocado a ocupar a cidade de forma consciente, assumindo proximidade, presença plena e risco controlado. Neste ritual contemporâneo, tradição e criação coexistem sem hierarquia, projetando o futuro a partir de práticas coletivas que continuam a interrogar o modo como habitamos, partilhamos e atravessamos o espaço comum.

Correfoc asserts itself as a living practice of occupying public space, where the city becomes a territory of tension, encounter and collective transformation. An ancestral gesture that has crossed generations not by remaining unchanged, but by continuously reinventing itself, keeping fire, rhythm and the collective body as languages of presence, resistance and celebration.

This action emerges from the encounter between a Catalan association of diables and a local association dedicated to working with fire and percussion. This crossing embraces multiculturality as a conceptual practice, not as juxtaposition, but as a relationship built over time, through listening and the shared experience of risk. Fire appears here as a symbolic and political material, capable of temporarily suspending urban order and activating an intense and demanding shared experience.

Correfoc transforms streets and squares into a moving route. There is no fixed stage and no safe distance between those who watch and those who cross the path. The audience is invited to occupy the city consciously, embracing proximity, full presence and controlled risk. In this contemporary ritual, tradition and creation coexist without hierarchy, projecting the future through collective practices that continue to question how we inhabit, share and move through common space.

Cocriação Co-creation and performance Associação de Festes de la Plaça Nova – Diables del Barri Gòtic; Forum Ambiente e Cidadania – A Rua’ Da’ Saltarellus · Diables Diables del Barri Gòtic; Daniel Marin Fabregas; Agnes Bartolome Garrich; Alex Aymerich Pastalle; Bernat Erra Gené; Francesc Fabregat Rius; Esther Planas Fosch; Jana Salto Calvet; Laura Gelabert Blesa; Oriol Mestres Capdevila; Jofre Salto Calvet; Marti Aymerich Planas; Magalí Velazquez Calvet · Fogo Fire Saltarellus; Tiago Silva Pereira; Sofia Soares Andrade; José Pedro Reis Pinho Marques Brandão; Ana Rita Cerqueira Oliveira; Sofia Pinho Ferreira; Bruno Costa Brandão; Beatriz Gonçalves Santos; Sofia Guimarães Fonseca; João Filipe da Silva Gomes; Leonor Azevedo Fernandes Duarte; Manuel Júnior de Sá Castro; Rubén Micael da Silva Barge; Bianca Ferreira Resende; Rosana Alejandra Vidal Pinto · Percussão Percussion A Rua’ Da; Rodrigo Miguel Resende Correia; Leandro Filipe Santos Neves; Inês Coelho Ferreira; Pedro Miguel Costa Almeida; Ana Margarida Santos Leite; Inês Gonçalves dos Santos; João Manuel Soares Rocha; Leonor Soares Bastos Leite do Couto; Simão Pedro Ferreira Santos; Ruben Gomes Ferreira; Diogo António Courela Cosme; Pedro Miguel Ribeiro de Almeida; Ricardo José da Silva Casaleiro; Ana Rita Assis Correia; Rita Rodrigues Rafael; Margarida Pinho Cabral; Susana Assis Correia; Dinis da Silva Rocha; Francisca Oliveira; Vitor Hugo Soares de Almeida; Fábio Alexandre Soares da Silva Resende · Parceria Partnership Ajuntament de Barcelona



Drop me if you dare

Joli Vyann ^{UK}

22 maio *may*, 15:15 · 23 maio *may*, 21:00 · [Rossio](#)
22 maio *may*, 21:00 · [Jardim da Biblioteca Municipal](#)

DANÇA *DANCE* · 25' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*

Entre dois corpos estabelece-se uma relação de confiança absoluta, onde cada gesto implica risco, entrega e responsabilidade partilhada. *Drop Me If You Dare* constrói-se a partir dessa tensão permanente, explorando a fronteira instável entre força e vulnerabilidade, controlo e submissão, apoio e queda.

Através de uma fusão intensa entre dança contemporânea e acrobacia, o dueto revela uma linguagem física precisa, exigente e profundamente comunicativa. O movimento não procura ilusão nem gratuidade, expõe a fragilidade do equilíbrio e a necessidade do outro para o sustentar. Cada elevação, cada suspensão, cada queda possível transforma-se numa decisão tomada em conjunto.

Esta peça revela-se uma reflexão sensível sobre convivência, confiança e interdependência. Num mundo marcado pela instabilidade, *Drop Me If You Dare* propõe um olhar atento sobre o que significa sustentar e ser sustentado, insistindo na ideia de que o futuro coletivo se constrói a partir de relações conscientes, frágeis e profundamente humanas.

Between two bodies, a relationship of absolute trust is established, where every gesture entails risk, surrender and shared responsibility. Drop Me If You Dare is built from this constant tension, exploring the unstable boundary between strength and vulnerability, control and submission, support and fall.

Through an intense fusion of contemporary dance and acrobatics, the duet reveals a precise, demanding and deeply communicative physical language. The movement seeks neither illusion nor gratuitous effect, instead it exposes the fragility of balance and the need for the other to sustain it. Every lift, every suspension, every possible fall becomes a decision taken together.

This piece unfolds as a sensitive reflection on coexistence, trust and interdependence. In a world marked by instability, Drop Me If You Dare offers an attentive gaze on what it means to support and to be supported, insisting on the idea that our collective future is built through conscious, fragile and profoundly human relationships.

Coreografia e produção *Choreography and production* Joli Vyann · Interpretação *Performers* Olivia Quayle, Jan Patzke · Composição musical *Musical composition* Nao Masuda · Administração e distribuição *Administration and touring* Joli Vyann · Apoio à criação *Creation support* Without Walls, Bournemouth Arts by the Sea Festival, Bristol Harbour Festival



Fuego Gratte Ciel ^{FR}

22 maio *may*, 19:00 · 23 maio *may*, 18:00 · [Alameda do Tribunal](#)

TEATRO DE RUA *STREET THEATRE* · 50' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*

Conhecida pelas suas criações aéreas de grande escala, a companhia francesa Gratte Ciel foi convidada a conceber um momento integrado na celebração dos 25 anos do Imaginarius. A proposta apresenta-se como um acontecimento público que articula um contexto institucional com um fogo de artifício diurno, concebido como um momento de surpresa partilhada.

Fuego propõe reencontrar as características distintivas da companhia num formato mais próximo do público. Sem recorrer à altitude habitual das suas grandes produções, Gratte Ciel apresenta uma proposta diferenciadora, mantendo uma energia igualmente dinâmica e explosiva, pensada para um contacto direto e imediato com o espaço e com quem o habita.

Entre celebração e imprevisibilidade, *Fuego* afirma-se como um momento coletivo que assinala um percurso em movimento. Um gesto festivo que reconhece o passado, vive intensamente o presente e mantém o futuro em suspenso.

Known for its large-scale aerial creations, the French company Gratte Ciel was invited to conceive a moment integrated into the celebration of Imaginarius' 25th anniversary. The proposal takes shape as a public event that brings together an institutional context and a daytime firework display, conceived as a moment of shared surprise.

Fuego invites audiences to rediscover the company's distinctive qualities in a format closer to the public. Without resorting to the altitude that characterises its major productions, Gratte Ciel presents an unprecedented proposal, maintaining an equally dynamic and explosive energy, designed for direct and immediate contact with the space and those who inhabit it.

Between celebration and unpredictability, Fuego asserts itself as a collective moment that marks a journey in motion. A festive gesture that acknowledges the past, lives the present intensely and leaves the future suspended.

Dramaturgia e direção *Dramaturgy and direction* Stéphane Girard, Stéphane Filloque, com os intérpretes *with the performers* · Interpretação *Performers* Anicet Leone, Etienne Cordeau, Delphine Dupin · Direção de cena e pirotecnia *Stage direction and pyrotechnics* Esther Stez, Marianne Pibault, Pauline Estienne · Direção geral *General direction* Florent Merino



Mirage (un jour de fête) Cie. Dyptik ^{FR}

21 maio *may*, 22:00 · 22 maio *may*, 21:30 · 23 maio *may*, 21:30 · [Casa do Moinho](#)

DANÇA *DANCE* · 50' · 3+

O espaço público transforma-se num território em permanente vibração. *Mirage* constrói uma experiência imersiva onde a dança surge como força coletiva, capaz de expor tensões, injustiças e desejos de libertação sem recorrer a uma narrativa linear. O movimento circula, propaga-se e regressa, criando um campo vivo onde festa e revolta coexistem.

Inspirado por contextos de crise e resistência, o espetáculo cruza danças tradicionais, como a Dabkeh, com linguagens urbanas e contemporâneas. Ritmos, vozes e passos sobrepõem-se, revelando contradições profundas entre intimidade e exposição, celebração e violência, memória e presente. A tradição não surge como herança fixa, mas como matéria em transformação, atravessada por dor, alegria e afirmação coletiva.

Não há um único palco nem um ponto de vista privilegiado. O público circula livremente, escolhe percursos, aproxima-se e afasta-se, construindo uma experiência sempre parcial e singular. *Mirage* afirma a multiplicidade como condição do presente, propondo um olhar sobre o mundo onde a totalidade só existe na soma de fragmentos, e onde resistir é continuar a dançar, juntos, mesmo no centro da instabilidade.

Public space is transformed into a territory of constant vibration. Mirage creates an immersive experience in which dance emerges as a collective force, capable of exposing tensions, injustices and desires for liberation without resorting to a linear narrative. Movement circulates, propagates and returns, generating a living field where celebration and revolt coexist.

Inspired by contexts of crisis and resistance, the performance brings together traditional dances, such as Dabkeh, with urban and contemporary languages. Rhythms, voices and steps overlap, revealing deep contradictions between intimacy and exposure, celebration and violence, memory and the present. Tradition does not appear as a fixed inheritance, but as matter in transformation, crossed by pain, joy and collective affirmation.

There is no single stage nor a privileged point of view. The audience moves freely, chooses routes, comes closer and moves away, constructing an experience that is always partial and singular. Mirage affirms multiplicity as a condition of the present, proposing a vision of the world in which wholeness exists only through the sum of fragments, and where resistance means continuing to dance, together, even at the heart of instability.

Direção artística *Artistic direction* Souhail Marchiche, Mehdi Meghari · Coreografia *Choreography* Souhail Marchiche, Mehdi Meghari · Música *Music* Patrick De Oliveira · Cenografia *Set design* Charles Boillot · Figurinos e universo visual *Costumes and visual universe* Julie Cherki · Intérpretes *Performers* Charly Bouges, Santiago Codon Gras, Yohann Daher, Alexandra Jezouin, Camilla Melani, Beatrice Mogno, Anabella Piresanto, Khanh Ming Xiong · Coprodução *Co-production* Cie Dyptik, HH Producties, CNAREP Atelier 231 / Sotteville-les-Rouen, CNAREP Les Ateliers Frappaz / Villeurbanne, CNAREP Moulin Fondou - Cie Oposito / Garges-lès-Gonesse, CNAREP Sur le Pont / La Rochelle, CCN de la Rochelle / Cie Accorrap, Les Tombées de la Nuit / Rennes, Théâtre de Cusset, Institut Français d'Algérie, Institut Français du Maroc



Runners Hippana.Maleta ^{IE/DE/ES}

22 maio *may*, 16:00 + 20:30 · 23 maio *may*, 22:00 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

CIRCO · MÚSICA *CIRCUS · MUSIC* · 60' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*



Correr e atirar são gestos ancestrais, quase automáticos, inscritos na história do corpo humano. Em *Runners*, esses movimentos essenciais são colocados sob novas regras. Dois intérpretes correm sem sair do lugar, presos a máquinas que impõem ritmo, velocidade e limite, enquanto um músico-orquestrador conduz a ação como quem testa hipóteses, cria jogos e instala desvios. O que parece simples revela-se complexo, exigente, profundamente físico. O espetáculo constrói-se a partir de um paradoxo central do presente. Vivemos rodeados de tecnologia, eficiência e sistemas de controlo, mas cada vez mais afastados da experiência direta do movimento. *Runners* não denuncia nem celebra essa condição, expõe-a. O corpo responde, adapta-se, resiste. Corre porque tem de correr. Atira porque sabe atirar. Mas fá-lo dentro de um sistema que mede, regula e condiciona. A máquina não surge como antagonista, é contexto. A música não acompanha, dirige. O jogo não liberta totalmente, mas abre possibilidades dentro de regras rígidas.

Esta tensão constante entre autonomia e controlo, instinto e estrutura, atravessa todo o espetáculo e ressoa com um futuro que já está em curso, onde a liberdade se negocia gesto a gesto. Entre precisão extrema, repetição e cansaço visível, *Runners* transforma o esforço em linguagem partilhada, afirmando que imaginar futuros possíveis também passa por reaprender a confiar no corpo, no ritmo e na inteligência do movimento humano.

Running and throwing are ancestral gestures, almost automatic, inscribed in the history of the human body. In Runners, these essential movements are placed under new rules. Two performers run without going anywhere, tethered to machines that impose rhythm, speed and limit, while a musician-orchestrator conducts the action as one who tests hypotheses, creates games and introduces deviations. What appears simple reveals itself to be complex, demanding and deeply physical. The performance is built around a central paradox of the present. We live surrounded by technology, efficiency and systems of control, yet increasingly distanced from the direct experience of movement. Runners neither denounces nor celebrates this condition, it exposes it. The body responds, adapts and resists. It runs because it has to run. It throws because it knows how to throw. But it does so within a system that measures, regulates and conditions. The machine does not appear as an antagonist, it is context. The music does not accompany, it directs. The game does not fully liberate, but opens possibilities within rigid rules.

This constant tension between autonomy and control, instinct and structure, runs through the entire performance and resonates with a future already under way, where freedom is negotiated gesture by gesture. Between extreme precision, repetition and visible fatigue, Runners transforms effort into a shared language, asserting that imagining possible futures also involves relearning how to trust the body, rhythm and the intelligence of human movement.

Autoria *Concept* Alex Allison, Jonas Schiffauer, Moisés Mas García · Interpretação *Performers* Jonas Schiffauer/Daan Mackel, Alex Allison/Pieter Visser, Moisés Mas García · Composição *Composition* Moisés Mas García · Acompanhamento dramaturgico e coreográfico *Dramaturgical and choreographic support* Benjamin Richter, Daragh McLoughlin, Anna-Katharina Andreas, Lena Maria Kaiser · Figurinos *Costume design* Liara Epstein · Cenografia *Set design* Jonas Schiffauer, Alex Allison, Moisés Mas García · Design visual, video e grafismo *Visual design, video and graphic design* Alex Allison · Comunicação e networking *Communication and networking* Valentina Barone · Produção *Production* Hippana.Maleta · Coprodução *Co-production* T-Werk Potsdam · Apoios *Support* NEUSTART KULTUR – Fonds Darstellende Künste, NRW Landesbüro Freie Darstellende Künste, Kulturamt der Stadt Köln, Arts Council of Ireland, Zirkus ON, Kultursekretariat NRW Gütersloh, ION Instruments, JOHNSON Health Tech, Culture Ireland · Residências *Residencies* Atoll Festival (DE), Barnes Crossing Cologne (DE), Katapult Berlin (DE), La Strada Bremen (DE), Latitude 50 Marchin (BE), Ruhrfestspiele Recklinghausen (DE)



MAMIL(a)S Desvio Coletivo BR

23 maio *may*, 19:00 · [Centro Histórico Historical Centre](#)

PERFORMANCE · INTERVENÇÃO *PERFORMANCE · INTERVENTION* · 90' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*

Caminhar pela cidade não é um gesto neutro. Para alguns, é direito adquirido, para outros, exposição constante, vigilância e risco. A ação instala-se nesse desequilíbrio estrutural, revelando como o espaço urbano continua a regular quem pode ocupar, atravessar e permanecer sem ser interpelado.

Tecidos cobrem as superfícies visíveis, neutralizando sinais imediatos de gênero e deixando à mostra apenas um detalhe comum. Um elemento mínimo que concentra uma contradição profunda. Aquilo que é partilhado por todos continua a ser lido de forma desigual, ativando mecanismos de censura, controle e julgamento que variam conforme quem circula.

MAMIL(a)S cria fricção direta com a cidade. A presença é coletiva e aberta, afirmando a participação de identidades diversas e recusando leituras fixas ou hierarquizadas. Ao deslocar o olhar e expor normas naturalizadas, a performance transforma a circulação num gesto de questionamento e celebração, insistindo na rua como espaço comum, plural e em disputa.

Walking through the city is not a neutral act. For some, it is an acquired right, for others, a condition of constant exposure, surveillance and risk. This action is situated within that structural imbalance, revealing how urban space continues to regulate who is allowed to occupy, cross and remain without being questioned.

Fabrics cover visible surfaces, neutralising immediate markers of gender and leaving exposed only a shared detail. A minimal element that concentrates a profound contradiction. What is common to all continues to be read unequally, activating mechanisms of censorship, control and judgement that vary according to who is moving through the space.

MAMIL(a)S creates direct friction with the city. The presence is collective and open, affirming the participation of diverse identities and refusing fixed or hierarchical readings. By shifting the gaze and exposing naturalised norms, the performance transforms circulation into an act of questioning and celebration, insisting on the street as a common, plural and contested space.

Conceito *Concept* Leandro Brasílio, Priscilla Toscano · Direção artística *Artistic direction* Priscilla Toscano
Produção, coordenação técnica e assessoria jurídica *Production, technical coordination and legal advisory* Leandro Brasílio
Video *Video* Bruno Maurício



mEza Projeto EZ PT

21 maio *may*, 18:30 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)
21 maio *may*, 20:30 · 22 maio *may*, 17:00 + 20:30 · 23 maio *may*, 16:30 + 20:30
[Rua António Castro Corte Real](#)

TEATRO DE RUA *STREET THEATRE* · 50' · 3+
Estreia *Premiere*
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

mEza transforma um objeto quotidiano num dispositivo de deslocação, encontro e partilha. Uma mesa em movimento percorre o espaço público e convida pequenos grupos a sentarem-se, viajarem juntos e participarem num micro-ritual efêmero, feito de gestos simples, humor e proximidade. Não há um ponto de chegada definido, há percurso, presença e relação.

Inspirado na ideia simbólica da passagem (de ano), o projeto convoca a noção de transição sem depender de uma data específica. A mesa avança lentamente pelo espaço público, atravessa ruas, sons e olhares, criando momentos de convivência improvável. O público não assiste, envolve-se. A experiência acontece no agora, entre o engenho mecânico, a festa improvisada e uma “estupidez” assumida como linguagem.

Entre celebração e movimento, mEza afirma o espaço público como lugar de encontro sensível e coletivo. Um gesto leve e irreverente que transforma a travessia em experiência partilhada e lembra que imaginar o futuro também passa por criar pequenas comunidades temporárias, breves, mas profundamente vivas.

mEza transforms an everyday object into a device for movement, encounter and sharing. A moving table travels through public space and invites small groups to sit down, journey together and take part in an ephemeral micro-ritual shaped by simple gestures, humour and proximity. There is no fixed destination, only route, presence and relationship.

Inspired by the symbolic idea of passage (of the year), the project evokes the notion of transition without depending on a specific date. The table advances slowly through public space, crossing streets, sounds and gazes, creating moments of unlikely togetherness. The audience does not watch, it becomes involved. The experience unfolds in the present moment, between mechanical ingenuity, improvised festivity and a self-aware “stupidity” embraced as language.

Between celebration and movement, *mEza* affirms public space as a place of sensitive and collective encounter. A light and irreverent gesture that turns crossing into a shared experience and reminds us that imagining the future also involves creating small, temporary communities, brief yet intensely alive.

Autoria e cenografia *Concept and set design* João Pinto · Interpretação *Performers* João Pinto
Produção *Production* Projeto EZ · Coprodução *Co-production* Imaginarius, Casa Varela (Pombal)



Xics del Xurrac Tombs Creatius ES

22 maio *may*, 14:00 – 17:00 + 19:30 – 22:30 · 23 maio *may*, 14:00 – 17:00
+ 19:30 – 22:30 · [Rossio](#)

INSTALAÇÃO · JOGO *INSTALLATION · GAME* · 180' · 3+

A tradição dos castells, as torres humanas da Catalunha, é aqui reinventada como jogo coletivo e gesto contemporâneo. Xics del Xurrac transforma uma prática ancestral de equilíbrio, coragem e cooperação numa experiência participativa feita de madeira, mãos e decisões partilhadas. Não há espectadores passivos, há pessoas chamadas a entrar, experimentar, arriscar e sustentar o outro.

Nascido num atelier de carpintaria, este coletivo improvável constrói torres humanas sem corpos humanos. A matéria é madeira, mas a lógica é profundamente humana. Cada peça exige atenção, escuta, sentido de grupo e responsabilidade mútua. Subir implica confiar, cair faz parte do processo, recomeçar é inevitável. A praça torna-se num lugar de aprendizagem informal e convivência ativa. O público entra e sai, observa, participa, constrói e desconstrói. A experiência não se fecha num momento único, prolonga-se no tempo, criando uma comunidade efêmera que se organiza em torno do gesto simples de construir em conjunto.

Xics del Xurrac afirma que o futuro do espaço público passa pela ativação de saberes coletivos, pela partilha de responsabilidade e pela valorização do equilíbrio entre força e cuidado. Um jogo sério onde brincar é também aprender a estar com os outros.

The tradition of *castells*, the human towers of Catalonia, is here reinvented as a collective game and a contemporary gesture. Xics del Xurrac transforms an ancestral practice of balance, courage and cooperation into a participatory experience shaped by wood, hands and shared decisions. There are no passive spectators, only people invited to enter, experiment, take risks and support one another.

Born in a carpentry workshop, this unlikely collective builds human towers without human bodies. The material is wood, yet the logic is profoundly human. Each piece demands attention, listening, a sense of group and mutual responsibility. To climb is to trust, falling is part of the process, starting again is inevitable. The square becomes a place of informal learning and active togetherness. The public comes and goes, observes, participates, builds and dismantles. The experience does not close into a single moment, it unfolds over time, creating an ephemeral community organised around the simple gesture of building together.

Xics del Xurrac affirms that the future of public space lies in the activation of collective knowledge, the sharing of responsibility and the valuing of balance between strength and care. A serious game in which play is also a way of learning how to be with others.

Conceito e autoria *Concept and authorship* Toni Tomás · Acompanhamento artístico *Artistic mentoring* Carles Pijuan · Construção *Construction* Joan Domingo, Diego Xavier Caicedo, Toni Tomás · Produção *Production* Tombs Creatius



Isla of Flightless Birds Duo ACASO PT/BR/SI

21 maio *may*, 19:15 · 22 maio *may*, 20:45 · [Rossio](#)

CIRCO *CIRCUS* · 35' · 3+
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

Comunicar é sempre um território frágil. Entre aproximação e distância, entre construção e separação, Isla of Flightless Birds cria um espaço onde a convivência é constantemente posta à prova. Dois intérpretes partilham um mesmo lugar e fazem dele um campo sensível de negociação, onde cada decisão altera o equilíbrio da relação.

Num espaço inicialmente vazio, um mastro chinês autoportante começa a erguer-se, sustentado apenas pelo risco e pela ação conjunta. À medida que o vínculo se fortalece, o espaço ganha estrutura, altura e complexidade, revelando uma linguagem construída através de tentativas, erros e ajustamentos. Mas, como em qualquer relação, a separação aproxima-se. O que foi erguido começa a desfazer-se e o espaço regressa ao vazio, agora marcado pela memória do que ali aconteceu.

Isla of Flightless Birds propõe uma paisagem em mutação sobre coexistência e instabilidade, onde a fragilidade não surge como falha, mas como condição para imaginar formas possíveis de estar juntos.

Communication is always a fragile territory. Between closeness and distance, construction and separation, Isla of Flightless Birds creates a space where coexistence is constantly put to the test. Two performers share the same place and turn it into a sensitive field of negotiation, where every decision alters the balance of the relationship.

In an initially empty space, a self-supporting Chinese pole begins to rise, sustained solely by risk and collective action. As the bond strengthens, the space gains structure, height and complexity, revealing a language built through attempts, errors and adjustments. But, as in any relationship, separation draws near. What was raised begins to unravel and the space returns to emptiness, now marked by the memory of what took place there.

Isla of Flightless Birds proposes a shifting landscape of coexistence and instability, where fragility does not appear as a flaw, but as a condition for imagining possible ways of being together.

Criação e interpretação *Creation and performance* Fernando Nogueira, Tjaša Dobravec · Banda sonora original *Original soundtrack* Lab de Sá / Lucas de Sá · Mentoria *Mentorship* João Paulo Santos · Coprodução *Co-production* Cine teatro António Lamoso, Centro Cultural de Paredes de Coura · Apoio a residências *Residency support* Museu de Lamas, Centro Cultural de Paredes de Coura



Nómadas LaB In Dança ^{PT}

21 maio *may*, 21:15 · 22 maio *may*, 21:15 · [Arquivo Municipal](#)

DANÇA *DANCE* · 30' · 3+
Estreia *Premiere*
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

Nómadas parte do movimento como condição permanente da vida contemporânea. Um deslocamento que não se limita ao físico, atravessa decisões, relações e modos de estar num mundo marcado pela mudança contínua. Avança-se por necessidade, adapta-se por sobrevivência, transporta-se a memória de quem veio antes, mesmo quando o caminho obriga a reinventar tudo.

As diferentes peças que compõem o espetáculo exploram a tensão entre partir e permanecer. Entre a urgência de seguir em frente e o desejo de pertencer, constrói-se uma paisagem onde o movimento se torna linguagem comum e arquivo sensível de uma experiência coletiva. Cada gesto carrega o que foi vivido e antecipa o que ainda não tem forma.

Aqui, a viagem não é promessa de chegada. O percurso é o lugar possível. Nómadas propõe um tempo de atenção ao presente, onde caminhar, parar e reencontrar-se são modos de habitar o mundo, reconhecendo que estar em movimento também é uma forma de escolha e de resistência.

Nómadas takes movement as a permanent condition of contemporary life. A displacement that is not limited to the physical, but runs through decisions, relationships and ways of being in a world marked by continuous change. One moves out of necessity, adapts in order to survive, and carries the memory of those who came before, even when the path demands constant reinvention.

The different pieces that make up the performance explore the tension between leaving and staying. Between the urgency to move forward and the desire to belong, a landscape emerges where movement becomes a shared language and a sensitive archive of collective experience. Each gesture carries what has been lived and anticipates what has not yet taken shape.

Here, the journey is not a promise of arrival. The path itself is the possible place. *Nómadas* proposes a time of attention to the present, where walking, stopping and reconnecting are ways of inhabiting the world, recognising that being in motion is also a form of choice and resistance.

Direção artística *Artistic direction* Gabriela Martin León (Fundación Psico Ballet Maite León) · Coordenação de projeto *Project coordination* Lisete Costa · Coreografia *Choreography* Margarita Reyna, Gabriela Martin · Desenho de iluminação *Lighting design* Clemente Jiménez · Interpretação *Performers* (LaB In Dança) Catarina Bento, Diogo Oliveira, Isabel Pinto, Manuel Magalhães, Marino Santos, Sara Barbosa, Sara Oliveira, Sofia Silva, Tânia Oliveira · Interpretação *Performers* (Fundación Psico Ballet Maite León) Clara Lillo, Elena Santos, Fernando Fernández, Sergio Segovia · Apoio técnico *Technical support* Arlinda Mendes, Jinny Moreira · Técnicos *Technicians* Bruno Jiménez, Candela Jiménez, Carolina León, Sofia Gómez



Ossos de Ofício Inês Vieira e Tiago Vieira ^{PT}

21 maio *may*, 22:20 · 22 maio *may*, 22:00 · 23 maio *may*, 21:50
[Jardim da Biblioteca Municipal](#)

TEATRO DE RUA · INSTALAÇÃO *STREET THEATRE · INSTALLATION* · 30' · 16+
Estreia *Premiere*
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

Maria Teresa nasceu em 1994. Desde cedo aprendeu a trabalhar. Entre máquinas de costura, rotinas domésticas e silêncios acumulados, construiu uma vida feita de serviço e de repetição. Uma existência moldada por gestos aprendidos antes da palavra, por uma disciplina quotidiana que atravessa o espaço íntimo, o trabalho, a relação com o outro e com o próprio tempo.

A cena organiza-se como um território instável, onde lugares e funções se sobrepõem. O ruído das máquinas insiste, os gestos regressam, a memória repete-se. O percurso não é linear, constrói-se por acumulação, por permanências e pequenas rupturas, revelando como o trabalho, a violência e a culpa se inscrevem de forma persistente numa experiência feminina que aprendeu a aguentar antes de poder dizer.

Entre o nascimento e o presente, entre o silêncio imposto e a possibilidade do canto, Ossos de Ofício interroga o momento em que algo se desloca. O que acontece quando um corpo deixa de aceitar ser apenas função, apenas herança, apenas ofício. A fragilidade emerge aqui não como falha, mas como força crítica, abrindo espaço para pensar o ócio como resistência, o trabalho como construção histórica e a criação artística como gesto de denúncia e transformação.

Maria Teresa was born in 1994. From an early age, she learned how to work. Between sewing machines, domestic routines and accumulated silences, she built a life shaped by service and repetition. An existence moulded by gestures learned before words, by a daily discipline that permeates intimate space, labour, relationships with others and with time itself.

The scene is organised as an unstable territory, where places and functions overlap. The noise of the machines persists, gestures return, memory repeats itself. The journey is not linear, it is built through accumulation, through continuities and small ruptures, revealing how work, violence and guilt become persistently inscribed in a female experience that learned to endure before being able to speak.

Between birth and the present, between imposed silence and the possibility of song, *Ossos de Ofício* questions the moment when something shifts. What happens when a body ceases to accept being merely function, merely inheritance, merely trade. Fragility emerges here not as failure, but as a critical force, opening space to think of idleness as resistance, work as a historical construction and artistic creation as an act of denunciation and transformation.

Dramaturgia e encenação *Dramaturgy and staging* Tiago Vieira, Inês Vieira · Interpretação *Performance* Inês Vieira · Cenografia *Set design* Tiago Vieira, Inês Vieira · Sonoplastia *Sound design* João Martins · Mentoria *Mentoring* Vasco Gomes, Julieta Guimarães, Bia Maria



Sinapse Colapse Meio Circo ^{PT}

21 maio *may*, 21:50 · 22 maio *may*, 22:40 · 23 maio *may*, 21:15
[Jardim da Biblioteca Municipal](#)

CIRCO *CIRCUS* · 25' · 3+
Estreia *Premiere*
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

Entre presença e ausência, Sinapse Colapse habita o intervalo onde a memória começa a falhar. Um percurso atravessado por histórias, gestos e ligações que se desfazem lentamente, deixando vestígios, repetições e silêncios. À medida que as sinapses se rompem, perde-se a orientação, insiste-se em padrões, atravessam-se estados de agitação e vazio. Mas nada desaparece por completo.

O que se apaga num lugar reaparece noutros. Gestos aprendidos, objetos herdados, presenças que guardam aquilo que já não pode ser lembrado. A experiência constrói-se nesse território frágil onde viver e perder coexistem, onde a identidade se fragmenta e o tempo deixa de ser linear. O circo contemporâneo e a dança dão forma a um processo invisível, revelando um estado de transição contínua, feito de falhas, desvios e colapsos sucessivos.

Sinapse Colapse não observa a perda como fim, mas como transformação. Mesmo quando a memória falha ou o colapso se instala, algo continua a circular. Permanecemos nas marcas deixadas nos outros, nos movimentos partilhados, nas memórias que sobrevivem fora de quem as perdeu. Entre presença e ausência, até que a última sinapse nos separe.

Between presence and absence, *Sinapse Colapse* inhabits the interval where memory begins to fail. A journey crossed by stories, gestures and connections that slowly unravel, leaving traces, repetitions and silences. As synapses break, orientation is lost, patterns persist, and states of agitation and emptiness are traversed. Yet nothing disappears entirely.

What fades in one place reappears in others. Learned gestures, inherited objects, presences that hold what can no longer be remembered. The experience unfolds within this fragile territory where living and losing coexist, where identity fragments and time ceases to be linear. Contemporary circus and dance give form to an invisible process, revealing a state of continuous transition, made of failures, deviations and successive collapses.

Sinapse Colapse does not observe loss as an end, but as transformation. Even when memory falters or collapse sets in, something continues to circulate. We remain in the marks left on others, in shared movements, in memories that survive beyond those who lost them. Between presence and absence, until the last synapse separates us.

Direção artística e interpretação *Artistic direction and performance* Carolina Soares, Gonçalo Leal · Cenografia *Set design* Gonçalo Leal, Diogo Ferreira, Alexandre Leal, Hélder Santos · Figurinos *Costume design* Carolina Soares · Sonoplastia *Sound design* Carla Castelhana · Mentoria artística *Artistic mentoring* Sol Garcia, Bruno Machado · Apoios e residências *Support and residencies* Imaginarius Centro de Criação, INAC – Instituto Nacional de Artes do Circo



Virulana Merlina ^{PT/AR}

21 maio *may*, 22:15 · 22 maio *may*, 22:15 · 23 maio *may*, 22:15 · [Arquivo Municipal](#)

CIRCO · TEATRO FÍSICO *CIRCUS · PHYSICAL THEATRE* · 30' · 3+
Estreia *Premiere*
APOIO À CRIAÇÃO *CREATION SUPPORT*

Virulana é um ato de memória corporal, uma pintura em movimento que, através do cabelo encaracolado, sussurra o que foi negado e celebra o que foi recuperado. A ação desenrola-se como um processo íntimo, onde cada gesto carrega marcas de contenção, adaptação e silêncio aprendido.

Através da acrobacia, da pintura e do movimento, uma mulher desenterra o gesto silenciado de querer ser diferente. O que emerge não é apenas uma afirmação estética, é a revelação de tudo aquilo que precisou de ser escondido para ser aceite. O cabelo torna-se matéria simbólica dessa libertação, mas também de um percurso mais amplo de reconhecimento e pertença.

Não é apenas o cabelo que se solta. É a memória, o desejo e a possibilidade de existir sem correção. Virulana propõe um gesto simples e insistente, onde recuperar não é voltar atrás, é permanecer visível.

Virulana is an act of embodied memory, a painting in motion that, through curly hair, whispers what was denied and celebrates what has been reclaimed. The action unfolds as an intimate process, where each gesture carries traces of restraint, adaptation and learned silence.

Through acrobatics, painting and movement, a woman unearths the silenced gesture of wanting to be different. What emerges is not merely an aesthetic affirmation, but the revelation of everything that had to be hidden in order to be accepted. Hair becomes the symbolic material of this liberation, while also pointing to a broader journey of recognition and belonging.

It is not only the hair that is released. Memory, desire and the possibility of existing without correction are also set free. Virulana proposes a simple yet insistent gesture, where reclaiming is not about returning to the past, but about remaining visible.

Criação e interpretação *Creation and performance* Lucía Merlino · Direção e dramaturgia *Direction and dramaturgy* Pablo Censi · Coprodução *Co-production* Imaginarius · Apoio a residências *Residency support* Ensaios de circo-Erva Daninha · Composição musical *Music composition* Darg Calvo · Figurino *Costume design* Lucala Atelier



Brass Band P.O.S.S.E PT

21 maio *may*, 18:45 · [Casa do Moinho](#) · [Igreja Matriz](#)

[Rua Dr. Roberto Alves](#) · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

21 maio *may*, 21:00 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

[Rua dos Descobrimentos](#) · [Igreja Matriz](#)

22 maio *may*, 19:50 · [Alameda do Tribunal](#)

[Igreja da Misericórdia](#) · [Praça da República](#) · [Igreja Matriz](#)

22 maio *may*, 22:40 · [Igreja Matriz](#) · [Rua Dr. Roberto Alves](#)

[Praça da República](#) · [Rua Jornal Correio da Feira](#)

23 maio *may*, 16:30 · [Biblioteca Municipal](#)

[Igreja da Misericórdia](#) · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

23 maio *may*, 23:10 · [Igreja da Misericórdia](#)

[Praça da República](#) · [Igreja Matriz](#)

MÚSICA *MUSIC* · 60' · 3+

P.O.S.S.E atravessa a cidade como um impulso sonoro que ativa o presente e convoca a celebração. Em movimento constante, quatro músicos transformam ruas e praças num território rítmico partilhado, onde a música surge como gesto imediato de encontro, energia e pertença. O espaço público deixa de ser cenário e passa a ser matéria viva, moldada pelo groove, pela pulsação e pela proximidade.

Entre circulação e permanência, a performance constrói-se na relação direta com quem escuta e acompanha. O ritmo instala-se, contagia e expande-se, criando momentos coletivos que afirmam o agora como lugar de celebração, convivência e intensidade.

Num festival que celebra percurso, transformação e futuro, P.O.S.S.E assume-se como um gesto simples e direto, onde a música liga pessoas, atravessa o território e devolve à cidade a sua dimensão festiva e partilhada.

P.O.S.S.E moves through the city as a sonic impulse that activates the present and calls for celebration. In constant motion, four musicians transform streets and squares into a shared rhythmic territory, where music emerges as an immediate gesture of encounter, energy and belonging. Public space ceases to be a backdrop and becomes living matter, shaped by groove, pulse and proximity.

Between circulation and pause, the performance is built through direct relationship with those who listen and follow. Rhythm settles in, spreads and expands, creating collective moments that affirm the here and now as a place of celebration, togetherness and intensity.

Within a festival that celebrates trajectory, transformation and the future, P.O.S.S.E presents itself as a simple and direct gesture, where music connects people, crosses the territory and restores to the city its festive and shared dimension.



Concerto Feel the Steel Brass Band PT

22 maio *may*, 00:40 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

MÚSICA *MUSIC* · 90' · 6+

O som irrompe como um acontecimento coletivo. Sopros, percussão e movimento ocupam o espaço e reorganizam o tempo comum, criando uma energia que se propaga de quem toca para quem escuta, e volta a circular. O concerto constrói-se nesse fluxo contínuo, onde a música não se apresenta como espetáculo distante, mas como presença ativa que convoca o agora.

Entre reinvenções de temas reconhecíveis e uma pulsação rítmica constante, a performance avança com intensidade e entrega. A técnica existe, mas nunca se impõe, serve o gesto, o encontro, a celebração. O espaço transforma-se progressivamente num lugar partilhado, onde a cidade deixa de ser cenário e passa a integrar a experiência.

Há celebração, mas também atenção. Há impacto, mas sobretudo proximidade. O concerto afirma a música como linguagem direta, capaz de criar pertença e de devolver ao espaço público a sua dimensão mais viva, coletiva e aberta.

Sound erupts as a collective event. Brass, percussion and movement occupy the space and re-organise shared time, generating an energy that flows from those who play to those who listen, and back again. The concert is built within this continuous circulation, where music does not present itself as distant spectacle, but as an active presence that calls the present moment into being.

Between reimagined, recognisable themes and a constant rhythmic pulse, the performance advances with intensity and commitment. Technique is present, but never dominant, it serves the gesture, the encounter, the celebration. The space is gradually transformed into a shared place, where the city ceases to be a backdrop and becomes part of the experience.

There is celebration, but also attentiveness. There is impact, but above all proximity. The concert affirms music as a direct language, capable of creating belonging and restoring to public space its most vivid, collective and open dimension.

Clarinete baixo *Bass clarinet* João Pedro · Saxofone baritone *Baritone saxophone* Nuno Ramos · Saxofone tenor *Tenor saxophone* Francisco Cordeiro · Saxofone alto *Alto saxophone* Gonçalo Silva · Trombone *Trombone* João Gomes · Trompete *Trumpet* Ivo Costa · Sousafone *Sousaphone* João Sousa · Bateria *Drums* Pedro Latães



Abertura Opening

21 maio *may*, 18:00 · [Casa do Moinho](#)

COMUNIDADE *COMMUNITY* · 45'

25 anos: uma geração imaginada, um futuro comum

25 years: an imagined generation, a shared future

A abertura do Imaginarius 2026 apresenta-se como um gesto simples e essencial: estar juntos. Um momento aberto e partilhado, dirigido a todas as pessoas que fazem o festival acontecer e lhe dão sentido: equipa, artistas, habitantes, comunidade local, instituições, comércio, parceiros, visitantes, público. Não como plateia, mas como presença ativa. Além de um ato formal, este encontro afirma o Imaginarius como espaço comum, vivido e em permanente construção.

Ao longo de 25 anos, o festival foi-se construindo a partir de experiências, encontros, riscos, falhas, descobertas e transformações. Essa memória não surge aqui como celebração nostálgica ou arquivo fechado, mas como matéria viva que continua a agir no presente. Um tempo para reconhecer o caminho percorrido, escutar o que mudou e situar o Imaginarius hoje, na sua relação com o território, com o espaço público e com as pessoas que o habitam.

Deste lugar partilhado abre-se o horizonte do que vem a seguir. Não como promessa distante nem discurso fechado, mas como exercício coletivo de imaginação, responsabilidade e escolha. Um momento para afirmar que o Imaginarius continua a ser feito de perguntas, de encontros e da vontade de imaginar juntos o que ainda não sabemos nomear.

The opening of Imaginarius 2026 presents itself as a simple and essential gesture: being together. An open and shared moment, addressed to everyone who makes the festival happen and gives it meaning: team, artists, residents, local community, institutions, businesses, partners, visitors, and audiences. Not as spectators, but as an active presence. More than a formal act, this gathering affirms Imaginarius as a common space, lived and in permanent construction.

Over 25 years, the festival has been built through experiences, encounters, risks, failures, discoveries, and transformations. This memory does not appear here as a nostalgic celebration or a closed archive, but as living matter that continues to act in the present. A time to acknowledge the path travelled, to listen to what has changed, and to situate Imaginarius today, in its relationship with the territory, with public space, and with the people who inhabit it.

From this shared place, the horizon of what comes next opens up. Not as a distant promise or a closed discourse, but as a collective exercise in imagination, responsibility, and choice. A moment to affirm that Imaginarius continues to be made of questions, of encounters, and of the will to imagine together what we do not yet know how to name.



Festa de encerramento 25 anos Imaginarius

pølaroit DE

23 maio *may*, 00:30 · [Parque Urbano Condes de Fijó](#)

MÚSICA *MUSIC* · 90' · 12+

O trabalho de pølaroit constrói-se a partir da relação entre tempo, memória e lugar. A música do duo capta instantes como se fossem imagens, fragmentos sensíveis de uma geração e de um território, onde a pulsação eletrónica convive com uma melancolia luminosa e profundamente humana. Cada composição funciona como um registo do agora, atento às camadas que o antecedem e às possibilidades que se abrem.

Entre influências da música eletrónica e uma abordagem mais orgânica e emocional, pølaroit desenvolve paisagens sonoras que se constroem lentamente, criando tensão entre introspeção e impulso coletivo. O som não impõe um estado, abre um espaço comum onde escuta, movimento e presença se cruzam.

Neste *live set*, a música transforma-se em gesto de celebração partilhada. Um momento para reconhecer o percurso vivido do Imaginarius, habitar intensamente o presente e manter o futuro em aberto. Um fecho que não encerra, prolonga, afirmando a identidade do Imaginarius através de um encontro sonoro que permanece na memória.

The work of pølaroit is built around the relationship between time, memory and place. The duo's music captures moments as if they were images, sensitive fragments of a generation and a territory, where electronic pulse coexists with a luminous, deeply human melancholy. Each composition functions as a record of the present moment, attentive to the layers that precede it and to the possibilities that unfold ahead.

Drawing from electronic music while embracing a more organic and emotional approach, pølaroit develops soundscapes that evolve slowly, creating a tension between introspection and collective momentum. The sound does not impose a state of mind, it opens a shared space where listening, movement and presence intersect.

In this live set, music becomes a gesture of shared celebration. A moment to acknowledge the lived journey of Imaginarius, to inhabit the present with intensity and to keep the future open. A closing that does not conclude, but extends, affirming the identity of Imaginarius through a sonic encounter that lingers in memory.

Banda *Band* Jonas Gewald, Marius Lesemann · *Difusão Touring* Isabel Schmidt

Conferência Conference

23 maio may, 14:30 · Auditório da Biblioteca Municipal

PENSAMENTO THINKING · 105'

Imaginar: cultura, coexistência e cidade num mundo instável
Imagining: culture, co-existence, and the city in an unstable world

Charles Landry^{UK} · Moderação *Facilitation*: Isabel Lucas^{PT}

Acidade nunca está em silêncio. Comunica através das montras e dos recantos das praças, dos encontros fortuitos, através de negociações, celebrações e conflitos, através dos códigos invisíveis que organizam a forma como nos encontramos, partilhámos, discutimos e cuidamos. Cada pessoa, cada negócio, cada interação deixa um rasto. Moldamos a cidade através das nossas decisões e hábitos, e a cidade, por sua vez, transforma-nos, influenciando a forma como percebemos a realidade e como nos relacionamos uns com os outros. Se esta influência mútua é constante, a questão não é se estamos envolvidos, mas para onde nos conduz esta trajetória partilhada.

Num tempo marcado pela instabilidade, imaginar exige mais do que otimismo ou a manutenção discreta do que já não se sustenta. O discurso público está saturado de urgência, e a linguagem da adaptação substitui frequentemente a linguagem da visão. O presente parece comprimido, denso de crises sobrepostas e narrativas concorrentes. Neste ambiente, a imaginação corre o risco de se reduzir a pequenos gestos que estabilizam sem transformar. Esta conferência propõe outra perspetiva, abordando o imaginar como um ato cívico deliberado que aceita a fricção, a ambiguidade e a responsabilidade como condições necessárias para uma mudança com sentido.

É na cidade que estas tensões se materializam. Não é apenas um ambiente físico, mas uma teia complexa de sistemas económicos, enquadramentos institucionais e narrativas culturais que moldam a experiência coletiva. A coexistência concretiza-se diariamente. Quem ocupa o espaço, quem define o valor, quem participa e quem permanece por ouvir? A cultura não é periférica a este processo. Enquadra a pertença, a diferença e a negociação do comum, moldando a profundidade e a intensidade da experiência urbana.

O trabalho de Charles Landry oferece uma visão relevante para abordar estas questões. A sua reflexão sobre a cidade criativa desafia os contextos urbanos a libertarem o potencial humano e institucional frequentemente condicionado por sistemas rígidos e modos de pensamento convencionais. A Conferência Imaginarius convoca esta perspetiva não para oferecer respostas imediatas, mas para criar um espaço de reflexão partilhada. Para além de estratégias e políticas, existe uma camada mais imediata da vida urbana, aquela que se sente antes de se explicar. Este encontro convida-nos a envolver-nos com essa dimensão da cidade, reconhecendo que imaginar deve enraizar-se não apenas na análise, mas na experiência vivida.

Inscrição Registration www.imaginarium.pt



Charles Landry é uma figura de referência no desenvolvimento e inovação das cidades, tendo colaborado com cidades em todo o mundo. É sobretudo conhecido pelo livro *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators* e por *The Art of City Making*. O seu trabalho propõe uma nova forma de pensar a construção da cidade, explorando o mundo nómada, as cidades interculturais, os recursos culturais e a economia criativa, a psicologia dos espaços urbanos, o risco e a fragilidade, bem como a medição da criatividade. Em 2003 desenvolveu o conceito de “creative bureaucracy” e defendeu que as administrações públicas precisavam de se tornar mais imaginativas para recuperar a confiança dos cidadãos e das partes interessadas, revalorizando assim o bem público. Numa fase inicial, a ideia foi desvalorizada. Contudo, a publicação do livro *Creative Bureaucracy* em 2017, coescrito com Margie Caust, e o lançamento, em 2018, do *Creative Bureaucracy Festival*, em Berlim, que cofundou com Sebastian Turner, deram credibilidade e impulso a este conceito.

Isabel Lucas é jornalista e crítica literária. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa, começou a fazer jornalismo na televisão e passou, entretanto, pelas redações de alguns dos principais jornais e revistas portuguesas. Freelancer desde 2012, escreve regularmente para o jornal Público, colabora com a revista Ler, com a Quatro Cinco Um e com a Antena 3. Tem publicado em diversos títulos nacionais e internacionais. É autora dos livros *Isabel_Lucas – Conversas com Vicente Jorge Silva (Temas e Debates, 2013)*, *Viagem ao sonho americano*, *Viagem ao país do futuro* e *Conversas com escritores*, estes três publicados pela Companhia das Letras. É ainda coautora de vários livros na área da dança e das artes plásticas. Em 2022, foi curadora da programação do Pavilhão de Portugal na Bienal do Livro de São Paulo. É curadora do Prémio Oceanos de Literatura e professora-adjunta convidada da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa. Em 2021, venceu a primeira edição do Prémio Jornalismo de Excelência Vicente Jorge Silva.



The city is never silent. It speaks through storefronts and square corners, through chance encounter, celebrations and conflicts, through the invisible codes that organise how we meet, trade, argue and care. Every person, every business, every interaction leaves a trace. We shape the city through our decisions and habits, and the city shapes us in return, influencing how we perceive reality and how we relate to one another. If this mutual influence is constant, the question is not whether we are involved, but where this shared trajectory is leading us.

In a time marked by instability, imagining demands more than optimism or the quiet maintenance of what no longer holds. Public discourse is saturated with urgency, and the language of adaptation often replaces the language of vision. The present feels compressed, dense with overlapping crises and competing narratives. Within this atmosphere, imagination risks being reduced to small gestures that stabilise without transforming. This conference proposes another stance, approaching imagining as a deliberate civic act that accepts friction, ambiguity and responsibility as necessary conditions for meaningful change.

The city is where these tensions materialise. It is not only a physical environment but a complex web of economic systems, institutional frameworks and cultural narratives that shape collective experience. Coexistence is enacted daily. Who occupies space, who defines value, who participates and who remains unheard? Culture is not peripheral to this process. It frames belonging, difference and the negotiation of our common ground, shaping the depth and intensity of urban experience.

The work of Charles Landry offers an important lens for approaching these questions. His reflection on the creative city challenges urban environments to unlock human and institutional potential often constrained by rigid systems and habitual thinking. The Imaginarius Conference draws on this perspective not to provide ready-made answers, but to create a space for shared reflection. Beyond strategies and policies, there is a more immediate layer of urban life, one that is felt before it is explained. This gathering invites us to engage with that dimension of the city, recognising that imagining must be rooted not only in analysis, but in lived experience.

Charles Landry is a prominent figure in city development and innovation and has helped cities across the world. Best known for writing “The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators and the Art of City Making” his work reimagines city-making by exploring the nomadic world, intercultural cities, cultural resources and creative economy, the psychology of urban spaces, risk and fragility and measuring creativity. In 2003 he developed the “creative bureaucracy” notion and argued that public administrations needed to become more imaginative so as to regain trust with citizens and stakeholders. This way the value of the public good could be rekindled. Initially the idea was dismissed. But publishing the *Creative Bureaucracy* book in 2017 (co-written with Margie Caust) and the launch in 2018 of the *Creative Bureaucracy Festival* in Berlin which he co-founded with Sebastian Turner has given the idea credibility and momentum.

Isabel Lucas is a journalist and literary critic. She holds a degree in Communication Sciences from Universidade Nova de Lisboa and began her career in television journalism, later working in the newsrooms of several of Portugal’s leading newspapers and magazines. A freelancer since 2012, she writes regularly for Público and contributes to the magazine Ler, to Quatro Cinco Um and to Antena 3. Her work has appeared in a range of national and international publications. She is the author of *Isabel_Lucas – Conversas com Vicente Jorge Silva (Temas e Debates, 2013)*, *Viagem ao sonho americano*, *Viagem ao país do futuro* and *Conversas com escritores*, the latter three published by Companhia das Letras. She is also co-author of several books in the fields of dance and visual arts. In 2022, she curated the programme of the Pavilhão de Portugal at the Bienal do Livro de São Paulo. She is curator of the Prémio Oceanos de Literatura and a visiting assistant professor at the Escola Superior de Comunicação Social of the Instituto Politécnico de Lisboa. In 2021, she won the first edition of the Prémio Jornalismo de Excelência Vicente Jorge Silva.

MAIS Imaginarius

Concurso de artistas emergentes para o espaço público
Competition for emerging artists working in public space

O MAIS Imaginarius dá espaço ao que ainda está em processo. Uma zona de risco, de tentativa e de exposição, dedicada a artistas emergentes que escolhem o espaço público como território de criação e confronto. Aqui, as propostas não são apresentadas como obras fechadas, mas como gestos em relação direta com a cidade, os seus ritmos, os seus imprevistos e os seus públicos.

Esta secção assume o espaço público como matéria ativa e não como simples cenário. As criações selecionadas testam linguagens, formatos e cruzamentos disciplinares em contacto real com o território, aceitando a instabilidade, a fricção e a diversidade como parte do próprio trabalho artístico. O MAIS Imaginarius valoriza processos que se constroem no encontro, na adaptação e na es- cuta, onde errar também é uma forma de aprender e avançar.

Aberto a artistas e coletivos nacionais e internacionais, o MAIS integra plenamente a programação do festival, afirmando uma lógica que rompe com a ideia de periferia ou de programação paralela. As propostas em competição convivem com o restante programa, afirmando o Imaginarius como um lugar de passagem entre gerações, onde práticas emergentes dialogam com contextos consolidados e com a cidade viva. O projeto vencedor será convidado a desenvolver uma nova criação para estreia na edição de 2027, prolongando no tempo este gesto de aposta no futuro e reforçando o Imaginarius como espaço de acompanhamento, continuidade e construção conjunta.

MAIS Imaginarius creates space for work that is still in process. A zone of risk, trial, and exposure, dedicated to emerging artists working in public space who choose it as a territory of creation and confrontation. Here, proposals are not presented as finished works, but as gestures in direct relationship with the city, its rhythms, its unpredictability, and its audiences.

This section understands public space as active matter rather than a simple backdrop. The selected creations test languages, formats, and cross-disciplinary approaches through real engagement with the territory, accepting instability, friction, and diversity as part of the artistic work itself. MAIS Imaginarius values processes built through encounter, adaptation, and listening, where making mistakes is also a way of learning and moving forward.

Open to national and international artists and collectives, MAIS is fully integrated into the festival programme, asserting a logic that breaks with the idea of periphery or parallel programming. The proposals in competition coexist with the rest of the programme, affirming Imaginarius as a place of passage between generations, where emerging practices enter into dialogue with established contexts and with the living city. The winning project will be invited to develop a new creation to premiere in the 2027 edition, extending this commitment to the future over time and reinforcing Imaginarius as a space for accompaniment, continuity, and collective construction.

99 Grammi

Cia Lupa^{IT}

ANOIS

Kathleen Doherty^{IE}

Atempo

Gato Blanco Gato Negro^{AR}

Caricature

António La Fata – Compagnia dei Saltimbanchi^{IT}

Con la cabeza en las nubes

SÓA^{ES}

Curioso!

Capuchini Circo^{ES/AR}

Galumphing

Manteca al dente^{IT/AR}

One step at a time

Simon & Quinn – Duo SAQ^{CA/NZ}

Seasons

Arnaud Laffond^{FR}

SHHH!!! – a physical onomatopoeia

A TOPE^{AR}

SKUMO

Orla Hardie^{UK}

The Amazing Lebart

Cia Lebart^{AR}

TOO MUCH

ELELEI Company^{ES}

Tri-Fábrica

Hannah Verghese, Hannah Scully, Kate Dunne^{PT/IE/UK}

Wine O’Clock

Nicola Fanton^{PT/IT}



99 Grammi Cia. Lupa^{IT}

22 maio *may*, 15:10 · Jardim da Biblioteca Municipal

22 maio *may*, 22:30 · 23 maio *may*, 14:00 + 18:40 · [Rossio](#)

CIRCO *CIRCUS* · 25' · 3+

Estreia nacional *Portuguese premiere*

MAIS IMAGINARIUS

Há gestos que falham e, ainda assim, insistem. Em 99 Grammi, dois intérpretes expõem-se à instabilidade como condição permanente, recusando a ideia de sucesso como domínio absoluto. O que cai, o que escapa, o que se repete de forma imperfeita torna-se motor de relação, humor e presença. A partir do malabarismo, o espetáculo desloca o olhar do virtuosismo para aquilo que normalmente se tenta ocultar.

A queda deixa de ser acidente e passa a ser acontecimento. O erro, longe de interromper, revela atenção, adaptação e escuta mútua. Os corpos constroem imagens provisórias de si próprios e da relação que os liga, sempre em transformação, sempre por afinar. Neste jogo de tentativas, 99 Grammi afirma a fragilidade como força ativa. Não há personagens fixas nem papéis estáveis, apenas a negociação constante com o imprevisto, com o outro e com o presente. O riso surge como reconhecimento partilhado dessa condição instável, onde falhar não é desvio, mas parte do caminho.

Sem procurar corrigir nem disfarçar o erro, a obra assume-o como linguagem. Um gesto simples e rigoroso que faz do risco um lugar habitável e da imperfeição um modo de estar, abrindo espaço para imaginar futuros menos controlados e mais atentos ao que acontece entre quedas.

There are gestures that fail and yet persist. In 99 Grammi, two performers expose themselves to instability as a permanent condition, rejecting the idea of success as absolute control. What falls, what slips away, what repeats itself imperfectly becomes the driving force of relationship, humour and presence. Starting from juggling, the performance shifts the gaze from virtuosity to what is usually concealed.

Falling ceases to be an accident and becomes an event. Error, far from interrupting, reveals attention, adaptation and mutual listening. The bodies construct provisional images of themselves and of the relationship that connects them, always in transformation, always in need of adjustment. Within this game of attempts, 99 Grammi affirms fragility as an active force. There are no fixed characters or stable roles, only a constant negotiation with the unforeseen, with the other and with the present. Laughter emerges as a shared recognition of this unstable condition, where failing is not a deviation, but part of the path.

Without seeking to correct or disguise error, the work embraces it as language. A simple and rigorous gesture that makes risk a habitable place and imperfection a way of being, opening space to imagine less controlled futures and greater attentiveness to what unfolds between falls.

Criação e interpretação *Creation and performance* Lucia Rizzo; Paolo Ippolito · Conceito e produção *Concept and production* Compagnia Lupa · Olhar externo *External eye* Alessandro Maida · Acompanhamento coreográfico *Choreographic support* Erika Bettin · Criação sonora *Sound creation* Federico Laurenti (Scorza) · Figurinos *Costumes* Illeana Alesi · Comunicação e difusão *Communication and touring* Camilla Poli



ANOIS Kathleen Doherty^{IE}

22 maio *may*, 17:45 + 20:00 · 23 maio *may*, 16:45 + 19:20 · Jardim da Biblioteca Municipal

DANÇA · CIRCO *DANCE* · *CIRCUS* · 30' · 3+

MAIS IMAGINARIUS



Há lugares que carregam camadas temporais, de conflito e expectativa. ANOIS instala-se nesses interstícios, trabalhando o agora como território instável onde nada está resolvido. Cada apresentação nasce do confronto direto com um espaço específico e com as forças que o atravessam, históricas, sociais, simbólicas, humanas. O gesto surge como resposta a essas tensões, nunca como ilustração.

Entre o chão e o ar, o corpo expõe-se ao risco real da suspensão. A dança aérea não é ornamento, é condição de fragilidade e resistência. Permanecer no ar exige escuta, adaptação e confiança, tanto no espaço como no próprio corpo. O equilíbrio nunca é garantido, constrói-se momento a momento, tal como a relação com a cidade e com o presente. O público é convocado a deslocar-se, a acompanhar, a escolher onde se coloca. Esta fluidez transforma a experiência num acontecimento partilhado, onde observar é também tomar posição.

ANOIS afirma o agora como campo de tensão, onde resistir passa por estar presente, atento e disponível ao que acontece. Um gesto efémero que existe apenas no momento em que se vive, deixando rasto não como resposta, mas como pergunta.

There are places that carry temporal layers of conflict and expectation. ANOIS settles into these interstices, working with the present as an unstable territory where nothing is resolved. Each performance is born from a direct confrontation with a specific site and the forces that run through it, historical, social, symbolic and human. Gesture emerges as a response to these tensions, never as illustration.

Between ground and air, the body exposes itself to the real risk of suspension. Aerial dance is not ornament, it is a condition of fragility and resistance. Remaining aloft demands listening, adaptation and trust, both in the space and in the body itself. Balance is never guaranteed, it is built moment by moment, just like the relationship with the city and with the present. The audience is invited to move, to follow, to choose where to position itself. This fluidity transforms the experience into a shared event, where observing is also a way of taking a stance.

ANOIS affirms the present as a field of tension, where resistance lies in being present, attentive and open to what unfolds. An ephemeral gesture that exists only in the moment it is lived, leaving a trace not as an answer, but as a question.

Criação e interpretação *Creation and performance* Kathleen Doherty · Apoio *Support* Culture Ireland



Atempo

Gato Blanco Gato Negro^{AR}

22 maio *may*, 17:30 · [Rossio](#)
 22 maio *may*, 22:15 · 23 maio *may*, 17:15 · [Rua dos Descobrimentos](#)
 23 maio *may*, 19:45 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

CIRCO · CLOWN *CIRCUS · CLOWN* · 40' · 3+
 Estreia nacional *Portuguese premiere*
 MAIS IMAGINARIUS

O mundo insiste em pedir alinhamento, eficácia, e compostura. **Atempo** faz o contrário, abre uma fenda onde o ridículo ganha direito de cidadania e onde a diferença deixa de pedir desculpa. Dois *clowns*, extravagantes e desiguais, entram em cena como quem entra numa praça para virar o jogo, um empurra o outro para fora do óbvio, e desse desalinho nasce uma lógica nova, instável, mas contagiante.

Tudo acontece sem palavras, porque aqui a linguagem é outra: a do impulso, da falha, da obstinação, do risco pequeno que cresce de repente. O tempo não corre em linha reta, tropeça, acelera, trava, volta atrás, inventa atalhos. A cada tentativa, eles reinventam o mundo à sua medida, com a alegria de quem se recusa a funcionar “como deve ser”, e com a precisão de quem sabe que o riso também exige rigor.

Atempo é energia em estado bruto, jogo como método, resistência como celebração. Não há moral, há desobediência luminosa. E quando o público se apanha a rir, percebe que não está apenas a assistir, está a participar nessa suspensão breve das regras, nessa comunidade instantânea que se forma quando alguém ousa falhar sem vergonha e insistir sem pedir autorização.

The world insists on alignment, efficiency and composure. **Atempo** does the opposite. It opens a crack where the ridiculous gains the right to exist and difference no longer needs to apologise. Two clowns, extravagant and unequal, enter the scene as if stepping into a square to turn the game upside down. One pushes the other out of the obvious, and from this misalignment a new logic emerges, unstable, yet contagious.

Everything happens without words, because here the language is another one: that of impulse, failure, obstinacy, of small risks that suddenly grow. Time does not move in a straight line, it stumbles, accelerates, stops, rewinds, invents shortcuts. With every attempt, they reinvent the world to their own measure, with the joy of those who refuse to function “as they should”, and with the precision of those who know that laughter also demands rigour.

Atempo is raw energy, play as method, resistance as celebration. There is no moral, only luminous disobedience. And when the audience finds itself laughing, it realises it is not merely watching, it is taking part in this brief suspension of rules, in this instant community that forms when someone dares to fail without shame and persist without asking for permission.

Ideia, direção e produção *Concept, direction and production* Gato Blanco Gato Negro · Assistência de direção *Assistant director* Raul Bruschini · Criação e interpretação *Creation and performance* Paula Zapata, Javier Casali · Figurinos *Costumes* Cristian Ayala, Liant La Tela · Maquilhagem *Make-up* Joaquin Etchelt · Design web *Web design* Mariana Lescano · Vídeo/Trailer *Video / trailer* Soy Bandi Audiovisual



Caricature

António La Fata – Compagnia dei Saltimbanchi^{IT}

21 maio *may*, 20:00 · 22 maio *may*, 21:00 · 23 maio *may*, 15:00 · [Praça da República](#)
 22 maio *may*, 17:00 · 23 maio *may*, 20:00 · [Rua Jornal Correio da Feira](#)

ARTES VISUAIS · CARICATURA *VISUAL ARTS · CARICATURE* · 180' · 3+
 MAIS IMAGINARIUS

Caricature propõe um jogo subtil de exposição e transformação no espaço público. Um gesto aparentemente simples, sentar-se e oferecer o próprio rosto, torna-se um ato de deslocamento simbólico, onde a identidade se abre ao olhar do outro. A caricatura não surge como imagem no sentido redutor do termo, mas como um espelho ligeiramente deformado que revela, com humor e empatia, aquilo que normalmente passa despercebido.

Ao exagerar traços e expressões, António La Fata desmonta imagens fixas e constrói retratos que são também pequenas narrativas visuais. O público deixa de ser apenas observador para se tornar matéria da ação, exposto, transformado e partilhado no ritmo do lugar. O desenho acontece à vista de todos, contaminado pelo movimento, pelo comentário espontâneo e pela curiosidade coletiva.

Entre jogo, ironia e escuta, **Caricature** transforma o espaço público num território relacional, onde ver e ser visto faz parte da experiência comum. Um gesto leve, mas politicamente atento, que resiste à passividade e afirma o território como lugar de encontro, participação e imaginação partilhada.

Caricature proposes a subtle game of exposure and transformation in public space. An apparently simple gesture, sitting down and offering one’s face, becomes an act of symbolic displacement, where identity opens itself to the gaze of another. Caricature does not appear as image in a reductive sense, but as a slightly distorted mirror that reveals, with humour and empathy, what usually goes unnoticed.

By exaggerating features and expressions, António La Fata dismantles fixed images and constructs portraits that are also small visual narratives. The public ceases to be merely an observer and becomes the material of the action, exposed, transformed and shared within the rhythm of the place. The drawing happens in full view, shaped by movement, spontaneous commentary and collective curiosity.

Between play, irony and attentive listening, **Caricature** turns public space into a relational territory, where seeing and being seen are part of a shared experience. A light gesture, yet politically alert, that resists passivity and affirms the territory as a place of encounter, participation and shared imagination.

Caricaturista *Caricaturist* António La Fata



Con la cabeza en las nubes

SÖA^{ES}

22 maio *may*, 14:15 + 18:30 · 23 maio *may*, 15:15 + 18:15 · [Jardim da Biblioteca Municipal](#)

DANÇA · TEATRO FÍSICO *DANCE · PHYSICAL THEATRE* · 40' · 6+
 Estreia nacional *Portuguese premiere*
 MAIS IMAGINARIUS

Con la cabeza en las nubes constrói-se a partir de uma tensão permanente entre ritmos incompatíveis. Duas figuras partilham o mesmo espaço, mas não o mesmo tempo. Enquanto uma se afunda num ciclo contínuo de tarefas, papéis e urgências acumuladas, a outra insiste em interromper, desviar, e provocar. Não há acordo possível, apenas fricção.

A convivência transforma-se num confronto físico e poético, onde o corpo expõe o desgaste, a repetição e a exaustão, mas também a necessidade de quebrar o fluxo. A interrupção torna-se insistência, a brincadeira torna-se perturbação, e o espaço converte-se num campo instável onde controlo e desordem se disputam sem vencedores claros. O humor surge da colisão, não da conciliação.

Sem palavras, o espetáculo desenha uma coreografia de tensões quotidianas, reconhecíveis por diferentes gerações. Entre esforço e resistência, **Con la cabeza en las nubes** transforma o conflito entre trabalho e lazer numa batalha corporal e humorada, onde duas visões de vida colidem sem possibilidade de equilíbrio.

Con la cabeza en las nubes is built upon a constant tension between incompatible rhythms. Two figures share the same space, but not the same time. While one sinks into a continuous cycle of tasks, roles and accumulated urgencies, the other insists on interrupting, diverting and provoking. No agreement is possible, only friction.

Coexistence turns into a physical and poetic confrontation, where the body exposes wear, repetition and exhaustion, but also the need to break the flow. Interruption becomes insistence, play becomes disturbance, and the space is transformed into an unstable field where control and disorder contend without clear winners. Humour arises from collision, not from conciliation.

Without words, the performance draws a choreography of everyday tensions, recognisable across generations. Between effort and resistance, **Con la cabeza en las nubes** turns the conflict between work and leisure into a physical and humorous battle, where two visions of life collide with no possibility of balance.

Criação e interpretação *Creation and performance* Martín Blanco, Carlota Rosón Pojo · Criação musical *Musical creation* Elba Souto · Desenho de iluminação *Lighting design* Violeta Martínez · Figurinos *Costumes* Miriam Cartagena · Cenografia *Set design* Marcos Covelo · Fotografia *Photography* Sabela Eirtz · Produção *Production* Cia SOA · Acompanhamento *Mentoring* Programa Da Man (Amarelo e Manu Lago), com apoio da AGADIC através do Centro Coreográfico Galego Da Man Programme (*Amarelo and Manu Lago*), with support from AGADIC through the Galician Choreographic Centre · Distribuição *Touring* Amarelo Distribución (Lilian Portela)



Curioso!

Capuchini Circo^{ES/AR}

22 maio *may*, 18:15 + 21:45 · 23 maio *may*, 23:45 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)
 23 maio *may*, 16:45 · [Rossio](#)
 23 maio *may*, 20:15 · [Rua dos Descobrimentos](#)

CIRCO · CLOWN *CIRCUS · CLOWN* · 30' · 3+
 Estreia nacional *Portuguese premiere*
 MAIS IMAGINARIUS

Curioso! nasce de uma pergunta que nunca se resolve, o que é preciso para um palhaço existir. A resposta está sempre em suspensão. É malabarista e não é, é músico e não é, é ator e não é. Cada gesto aproxima-se de uma definição apenas para a desfazer, num jogo contínuo de tentativa, falha e reinvenção, exposto ao olhar do público.

Entre técnica e improvisação, ironia e ternura, o espetáculo constrói-se como uma sequência de desvios e insistências. Nada se fecha, tudo permanece em aberto. O riso surge da instabilidade, do risco assumido e da relação direta com quem assiste. A curiosidade não é um atributo leve, é uma força que empurra o jogo para a frente, mesmo quando o equilíbrio parece prestes a quebrar.

Curioso! transforma o espaço público num território de exposição partilhada. O artista procura, insiste e convoca o público para dentro desse processo, diluindo fronteiras e criando um momento coletivo e irrepitível. Num festival onde o espaço comum é lugar de tensão e encontro, a curiosidade afirma-se aqui como gesto de resistência, continuar a procurar quando tudo pede definição.

Curioso! is born from a question that never quite resolves itself, what does it take for a clown to exist. The answer always remains suspended. He is a juggler and he is not, a musician and he is not, an actor and he is not. Each gesture moves closer to a definition only to undo it again, in a continuous game of attempt, failure and reinvention, fully exposed to the public gaze.

Between technique and improvisation, irony and tenderness, the performance unfolds as a sequence of detours and insistences. Nothing is resolved, everything remains open. Laughter emerges from instability, from assumed risk and from the direct relationship with those who watch. Curiosity is not a light attribute, it is a force that drives the game forward, even when balance seems about to break.

Curioso! turns public space into a territory of shared exposure. The performer searches, persists and draws the audience into this process, dissolving boundaries and creating a collective, unrepeatable moment. Within a festival where common space is a site of tension and encounter, curiosity asserts itself here as a gesture of resistance, continuing to search when everything demands definition.

Criação e interpretação *Creation and performance* Maurício Neira



Galumphing

Manteca al dente ^{IT/AR}

22 maio *may*, 19:30 · 23 maio *may*, 21:15 · [Rua dos Descobrimentos](#)
22 maio *may*, 23:45 · 23 maio *may*, 18:30 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)

CIRCO · CLOWN *CIRCUS* · CLOWN · 40' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

Galumphing parte de um gesto simples e insistente, acreditar que sonhar ainda é possível. Num presente marcado por incerteza, cansaço e repetição, Manteca al dente constrói um pequeno universo onde o desejo não desaparece, mesmo quando tudo parece frágil, instável ou prestes a falhar. A cena nasce do quase nada e vai-se construindo pouco a pouco, convocando o público para um território onde imaginar é já uma forma de resistência.

Entre humor, malabarismo e precisão gestual, o espetáculo desenrola-se como uma sucessão de tentativas, avanços e recuos. Cada ação carrega risco, cada equilíbrio exige atenção, cada falha abre espaço a uma nova possibilidade. O sonho não surge como fantasia distante, mas como prática quotidiana, feita de vontade, persistência e partilha.

Galumphing afirma que, hoje mais do que nunca, a saída não é individual. O futuro não se constrói sozinho. Entre ternura e ironia, o espetáculo transforma o espaço público num lugar de escuta e cumplicidade, onde continuar a sonhar torna-se um gesto coletivo.

Galumphing begins with a simple and persistent gesture, the belief that dreaming is still possible. In a present marked by uncertainty, fatigue and repetition, Manteca al dente creates a small universe where desire does not disappear, even when everything seems fragile, unstable or on the verge of failure. The scene emerges from almost nothing and is gradually built, inviting the audience into a territory where imagining is already a form of resistance.

Between humour, juggling and gestural precision, the performance unfolds as a succession of attempts, advances and retreats. Every action carries risk, every balance demands attention, every failure opens space for a new possibility. Dreaming does not appear as distant fantasy, but as everyday practice, shaped by will, persistence and sharing.

Galumphing affirms that, today more than ever, the way forward is not individual. The future is not built alone. Between tenderness and irony, the performance transforms public space into a place of listening and complicity, where continuing to dream becomes a collective gesture.

Criação e interpretação *Creation and performance* Nicolás Galarza



One step at a time

Simon & Quinn – Duo SAQ ^{CA/NZ}

22 maio *may*, 14:00 · 23 maio *may*, 14:45 · [Rossio](#)
22 maio *may*, 23:50 · 23 maio *may*, 19:15 + 22:15 · [Rua dos Descobrimentos](#)

CIRCO *CIRCUS* · 10' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

One step at a time constrói-se a partir de um gesto elementar, subir. Não de uma vez, não em linha reta, mas passo a passo, aceitando o desequilíbrio como parte do caminho. Uma escada autónoma torna-se o centro de uma relação em permanente negociação, onde cada avanço depende da confiança, da escuta e da persistência partilhada. Nada é garantido, tudo é conquistado no instante seguinte.

Entre risco real e humor delicado, Simon e Quinn expõem a fragilidade do equilíbrio a dois. O corpo hesita, ajusta-se, insiste. A queda é sempre possível, mas é precisamente essa possibilidade que mantém a ação viva. A relação entre as duas figuras transforma-se num exercício contínuo de adaptação, onde sustentar o outro é também aceitar ser sustentado.

One step at a time afirma a persistência como prática quotidiana. Não como heroísmo, mas como decisão repetida, continuar apesar da instabilidade, voltar a tentar depois do erro, confiar quando o medo se instala. Num tempo marcado por incerteza, o espetáculo propõe uma imagem clara e concreta de futuro, aquele que se constrói lentamente, através de gestos pequenos, precisos e partilhados.

One step at a time is built around an elementary gesture, climbing. Not all at once, not in a straight line, but step by step, accepting imbalance as part of the journey. A self-supporting ladder becomes the centre of a relationship in constant negotiation, where each advance depends on shared trust, listening and persistence. Nothing is guaranteed, everything is won in the next moment.

Between real risk and delicate humour, Simon and Quinn expose the fragility of balance as a duet. The body hesitates, adjusts, persists. Falling is always possible, but it is precisely this possibility that keeps the action alive. The relationship between the two figures becomes a continuous exercise in adaptation, where supporting the other also means accepting being supported.

One step at a time affirms persistence as a daily practice. Not as heroism, but as a repeated decision, to continue despite instability, to try again after failure, to trust when fear sets in. In a time marked by uncertainty, the performance proposes a clear and tangible image of the future, one that is built slowly, through small, precise and shared gestures.

Criação e interpretação *Creation and performance* Quinn Vale; Simon Nadeau



Seasons

Arnaud Laffond ^{FR}

21 maio *may*, 18:00 – 00:00 · 22 maio *may*, 14:00 – 01:00
23 maio *may*, 14:00 – 02:00 · [Rua Dr. Roberto Alves](#)

ARTES DIGITAIS · INSTALAÇÃO *DIGITAL ARTS* · *INSTALLATION*
Contínuo *Continuous* · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

Seasons propõe uma experiência de ativação sensível onde o digital deixa de ser uma interface distante e passa a território de relação. Quatro pinturas generativas evocam as estações do ano, não como imagens fixas, mas como sistemas vivos em transformação contínua, alimentados por dados meteorológicos em tempo real. O que se vê está sempre a mudar, atravessado pelo ritmo do mundo exterior, pela luz, pelo vento, pela passagem do tempo.

A obra convida a uma contemplação intuitiva, onde formas em movimento despertam reconhecimento, estranheza e projeção imaginária. A pareidolia surge como motor poético, lembrando que interpretar, antecipar e imaginar continua a ser um gesto profundamente humano. Aqui, o caos natural não é ruído, é matéria artística, e o imprevisível transforma-se em experiência estética.

Mas Seasons não se limita a ser observado. Através do momento do público, a imagem reage, ondula, transforma-se. O espectador torna-se agente, ativando a obra e estabelecendo uma relação física com um ambiente digital que parece respirar. Seasons afirma um futuro digital vivido no presente, onde tecnologia, corpo e imaginação se encontram num gesto calmo, participativo e partilhado.

Seasons proposes a sensitive activation experience in which the digital ceases to be a distant interface and becomes a territory of relationship. Four generative paintings evoke the seasons of the year, not as fixed images, but as living systems in continuous transformation, fed by real-time meteorological data. What is seen is always changing, shaped by the rhythm of the outside world, by light, wind and the passage of time.

The work invites intuitive contemplation, where moving forms awaken recognition, strangeness and imaginative projection. Pareidolia emerges as a poetic engine, reminding us that interpreting, anticipating and imagining remain profoundly human gestures. Here, natural chaos is not noise, but artistic material, and unpredictability is transformed into aesthetic experience.

But Seasons is not limited to observation. Through the movement of the audience, the image reacts, ripples and transforms. The spectator becomes an agent, activating the work and establishing a physical relationship with a digital environment that seems to breathe. Seasons affirms a digital future lived in the present, where technology, body and imagination meet in a calm, participatory and shared gesture.

Criação *Creation* Arnaud Laffond · Desenvolvimento *Developer* Edgar Schubban · Produção *Production* Art Explora; It's Now



SHHH!!! – a physical onomatopoeia

A TOPE ^{AR}

22 maio *may*, 17:15 · 23 maio *may*, 21:00 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)
22 maio *may*, 20:40 · 23 maio *may*, 18:15 · [Rua dos Descobrimentos](#)
23 maio *may*, 15:45 · [Rossio](#)

CIRCO · CLOWN *CIRCUS* · CLOWN · 40' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

O silêncio, aqui, não é contenção, é ponto de partida. Quando as palavras se retiram, o corpo ocupa todo o espaço possível. Lilah e Pirucho comunicam sem voz, através da acrobacia, da pantomima e da escuta física, construindo um universo partilhado onde o absurdo, a delicadeza e o risco convivem com precisão e cumplicidade.

Neste jogo contínuo, o território torna-se celebração. Celebração da relação, da confiança e da alegria de estar juntos. Cada movimento responde ao outro, cada desequilíbrio abre espaço para um novo encontro. O humor nasce da proximidade, da falha transformada em gesto poético, do prazer evidente de comunicar sem necessidade de tradução.

SHHH!!!! afirma o circo como linguagem universal. Através da acrobacia, do teatro físico e da dança, o espetáculo cria um momento suspenso onde o silêncio não é ausência, é intensidade partilhada. Um convite a celebrar o corpo como lugar de encontro, expressão e alegria coletiva.

Silence here is not restraint, it is a point of departure. When words withdraw, the body occupies all the available space. Lilah and Pirucho communicate without voice, through acrobatics, pantomime and physical listening, building a shared universe where absurdity, delicacy and risk coexist with precision and complicity.

Within this continuous game, the territory becomes celebration. A celebration of relationship, trust and the joy of being together. Each movement responds to the other, each imbalance opens space for a new encounter. Humour emerges from proximity, from failure transformed into poetic gesture, from the evident pleasure of communicating without the need for translation.

SHHH!!!! affirms circus as a universal language. Through acrobatics, physical theatre and dance, the performance creates a suspended moment where silence is not absence, but shared intensity. An invitation to celebrate the body as a place of encounter, expression and collective joy.

Criação e interpretação *Creation and performance* Agustina Ballester; Pablo Censi · Direção *Direction* Agustina Ballester; Pablo Censi · Figurinos *Costumes* Stefania Ferrari; Cecilia Cotognini · Fotografia *Photography* Hernán Paulos



SKUMO Orla Hardie ^{UK}

22 maio *may*, 14:45 · 23 maio *may*, 20:30 · [Rossio](#)
22 maio *may*, 21:40 · 23 maio *may*, 16:10 · [Jardim da Biblioteca Municipal](#)

DANÇA *DANCE* · 16' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

Há situações que provocam riso e desconforto ao mesmo tempo. Um território instável, onde o familiar se torna estranho e o estranho deixa de ser exceção. Duas figuras aproximam-se e afastam-se, presas numa relação feita de cumplicidades frágeis, gestos repetidos e pequenas falhas que expõem aquilo que normalmente se oculta.

O tempo oscila entre leveza e tensão, humor e sombra. Referências ao *vaudeville*, ao *clown* e ao *slapstick* atravessam a ação, não como nostalgia, mas como dispositivos para revelar fricções contemporâneas. As narrativas surgem de forma fragmentada e dissolvem-se rapidamente, como pensamentos que não chegam a organizar-se, deixando à vista zonas ambíguas, impulsos contraditórios e identidades em desequilíbrio.

Neste jogo físico, o riso não resolve, intensifica. A instabilidade torna-se motor, e o desconforto transforma-se em matéria de encontro. SKUMO habita esse limiar onde a cidade, o artista e o olhar do público se cruzam, afirmando o espaço público como lugar de exposição, tensão e reconhecimento coletivo.

There are situations that provoke laughter and discomfort at the same time. An unstable territory where the familiar becomes strange and the strange ceases to be the exception. Two figures move closer and apart, bound in a relationship made of fragile complicities, repeated gestures and small failures that expose what is usually concealed.

Time oscillates between lightness and tension, humour and shadow. References to vaudeville, clowning and slapstick run through the action, not as nostalgia, but as devices to reveal contemporary frictions. Narratives appear in fragments and quickly dissolve, like thoughts that never fully take shape, exposing ambiguous zones, contradictory impulses and identities in imbalance.

In this physical game, laughter does not resolve, it intensifies. Instability becomes the driving force, and discomfort is transformed into material for encounter. SKUMO inhabits this threshold where the city, the artist and the audience's gaze intersect, affirming public space as a site of exposure, tension and collective recognition.

Criação e interpretação *Creation and performance* Orla Hardie, Daisy Dancer · Desenho de iluminação *Lighting design* Jules Young



The Amazing Lebart Cia. Lebart ^{AR}

22 maio *may*, 19:15 · 23 maio *may*, 17:45 · [Praça Dr. Gaspar Moreira](#)
22 maio *may*, 21:30 · 23 maio *may*, 15:30 + 23:00 · [Rua dos Descobrimentos](#)

CIRCO · CLOWN *CIRCUS* · CLOWN · 30' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

O jogo começa com a promessa do extraordinário, mas rapidamente se desloca para um território mais instável, onde nada acontece exatamente como esperado. Entre humor, ilusão e presença física, surge uma figura que convoca o riso, mas também a atenção, conduzindo o público por uma sucessão de desvios, truques e pequenas surpresas que nunca se fecham numa única leitura.

Neste universo híbrido, disciplinas cruzam-se sem hierarquias. O *clown* contamina a magia, o malabarismo interrompe a lógica, o humor surge quando menos se espera. A técnica é evidente, mas nunca se impõe, está sempre ao serviço do jogo e da relação com quem assiste. A fisicalidade assume aqui um papel central, precisa e expressiva, capaz de sustentar o erro aparente, o exagero e a pausa como parte da dramaturgia.

O espetáculo constrói-se num diálogo contínuo com o público, baseado no respeito, na escuta e na partilha do riso. *The Amazing Lebart* afirma o humor como ferramenta de resistência leve, um modo de ocupar o espaço comum com imaginação, surpresa e uma energia contagiante que transforma o encontro num momento coletivo.

The game begins with the promise of the extraordinary, but soon shifts into a more unstable territory, where nothing unfolds exactly as expected. Between humour, illusion and physical presence, a figure emerges who invites laughter while also demanding attention, guiding the audience through a succession of detours, tricks and small surprises that never settle into a single reading.

Within this hybrid universe, disciplines intersect without hierarchy. Clowning contaminates magic, juggling disrupts logic, humour appears when least expected. Technique is evident, but never dominant, it is always at the service of play and of the relationship with those watching. Physicality plays a central role here, precise and expressive, capable of sustaining apparent error, exaggeration and pause as integral parts of the dramaturgy.

The performance is built through continuous dialogue with the audience, grounded in respect, listening and shared laughter. The Amazing Lebart affirms humour as a light form of resistance, a way of occupying common space with imagination, surprise and a contagious energy that transforms the encounter into a collective moment.

Criação e interpretação *Creation and performance* Esteban Nicolás Avilés



TOO MUCH Elelei Company ^{ES}

23 maio *may*, 17:30 + 22:30 · [Jardim da Biblioteca Municipal](#)

DANÇA *DANCE* · 33' · 3+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
MAIS IMAGINARIUS

Há um ponto em que cuidar deixa de proteger e começa a apertar. Um ponto quase invisível, onde a proximidade se transforma em vigilância e a intimidade se inscreve no corpo como marca persistente. TOO MUCH instala-se nesse excesso, onde o afeto escorrega lentamente para o controlo e a vontade de amparar se torna na dificuldade em largar.

Através da dança, do teatro físico e da acrobacia, os corpos cruzam-se, sustentam-se e aprisionam-se mutuamente. Abraços prolongam-se até se tornarem restrições, equilíbrios convertem-se em dependência, gestos de cuidado ganham peso. A fisicalidade extrema expõe uma tensão contínua entre proteção e limitação, revelando como o excesso se infiltra nos músculos, na respiração e na relação com o outro.

Num contexto marcado pela ansiedade, pela hiper-vigilância e pela normalização do controlo, esta obra coloca em cena paradoxos difíceis de resolver. Como proteger sem dominar, amar sem reter, cuidar sem invadir. TOO MUCH expõe o conflito e deixa-o vibrar no corpo, no espaço e no olhar de quem assiste.

There is a point where care ceases to protect and begins to tighten. An almost invisible point, where closeness turns into surveillance and intimacy becomes inscribed on the body as a persistent mark. TOO MUCH settles into this excess, where affection slowly slips into control and the desire to support becomes the difficulty of letting go.

Through dance, physical theatre and acrobatics, bodies cross, support and restrain one another. Embraces extend until they become constraints, balances turn into dependence, gestures of care gain weight. Extreme physicality exposes a continuous tension between protection and limitation, revealing how excess infiltrates muscles, breath and the relationship with the other.

In a context marked by anxiety, hyper-vigilance and the normalisation of control, this work stages paradoxes that are difficult to resolve. How to protect without dominating, to love without holding back, to care without invading. TOO MUCH exposes the conflict and allows it to vibrate through the body, the space and the gaze of the audience.

Direção artística *Artistic direction* Rafa Jagat, Sabrina Gargano · Coreografia *Choreography* Elelei · Interpretação *Performers* Joel Pradas, Loredana Gargano, Sabrina Gargano · Dramaturgia *Dramaturgy* Elelei · Assistência à dramaturgia *Dramaturgy assistant* Albert Pérez · Música *Music* Max Hering · Figurinos *Costumes* Elelei · Assistência de figurinos *Costume assistance* Lorena Madurga



Tri-Fábrica Hannah Verghese, Hannah Scully, Kate Dunne ^{PT/IE/UK}

21 maio *may*, 20:10 · 22 maio *may*, 20:20 · 23 maio *may*, 19:30 · [Arquivo Municipal](#)

DANÇA VERTICAL *VERTICAL DANCE* · 40' · 3+
MAIS IMAGINARIUS



A parede deixa de ser limite e torna-se campo de ação. Um plano vertical, marcado pela memória do trabalho e da disciplina, é reocupado por três presenças que se suspendem, escalam e resistem. A arquitetura não funciona como cenário, impõe regras, peso e história, e é nesse confronto que a ação se constrói.

Entre tensão e equilíbrio, os gestos deslocam narrativas inscritas no espaço. Movimentos repetidos evocam labor, contenção e esforço contínuo, enquanto outras ações abrem fissuras, pausas e possibilidades de libertação. A verticalidade intensifica o risco e a exposição, tornando visível a fragilidade e a força que coexistem quando figuras femininas se inscrevem num território historicamente dominado por lógicas de poder e controlo.

***Tri-Fábrica* transforma a arquitetura urbana num lugar de fricção sensível. A dança vertical reconfigura a relação entre presença, espaço e memória, propondo um gesto de ocupação persistente onde o esforço não é apenas físico, é político. Um trabalho que suspende o tempo e devolve ao espaço comum leituras instáveis e abertas.**

The wall ceases to be a limit and becomes a field of action. A vertical plane, marked by the memory of labour and discipline, is reoccupied by three presences who suspend themselves, climb and resist. Architecture does not function as a backdrop, it imposes rules, weight and history, and it is within this confrontation that the action is built.

Between tension and balance, gestures displace narratives inscribed in the space. Repetitive movements evoke labour, restraint and continuous effort, while other actions open fissures, pauses and possibilities of release. Verticality intensifies risk and exposure, making visible the fragility and strength that coexist when female figures inscribe themselves within a territory historically shaped by logics of power and control.

Tri-Fábrica transforms urban architecture into a site of sensitive friction. Vertical dance reconfigures the relationship between presence, space and memory, proposing a gesture of persistent occupation in which effort is not only physical, it is political. A work that suspends time and returns to common space unstable and open readings.

Criação e interpretação *Creation and performance* Hannah Verghese, Hannah Scully, Kate Dunne · Apoio *Support* Culture Ireland



Wine O'Clock Nicola Fanton ^{IT/PT}

21 maio *may*, 20:50 · 22 maio *may*, 18:30 · 23 maio *may*, 17:30 · [Rossio](#)
23 maio *may*, 20:10 · [Jardim da Biblioteca Municipal](#)

CIRCO *CIRCUS* · 45' · 6+
MAIS IMAGINARIUS

A rotina instala-se como um mecanismo que raramente pára. Gestos repetidos, horários que se sobrepõem, um quotidiano que avança por inércia. Entre a obrigação e a fuga momentânea, surge uma figura presa num ciclo de esforço, cansaço e compensação, tentando manter o equilíbrio num sistema que não abranda.

A ação desenrola-se ao longo de um dia reconhecível, atravessado por objetos banais que acumulam tensão. Garrafas, uma cadeira, uma roda, elementos simples que se organizam e desorganizam num jogo físico preciso, onde o virtuosismo expõe desgaste, insistência e risco. O humor aparece como desvio, não como alívio, criando proximidade enquanto mantém o conflito em aberto.

No contacto direto com o público, o espaço transforma-se num território partilhado de exposição e escolha. O final não fecha nem resolve, suspende. Largar, transformar, insistir ou mudar permanecem possibilidades instáveis. *Wine O'Clock* deixa no ar a pergunta essencial, até que ponto continuamos a repetir quando já sabemos que algo precisa de ser interrompido.

Routine settles in like a mechanism that rarely stops. Repeated gestures, overlapping schedules, a daily life that moves forward by inertia. Between obligation and momentary escape, a figure emerges, trapped in a cycle of effort, fatigue and compensation, trying to maintain balance within a system that never slows down.

The action unfolds over the course of a recognisable day, crossed by banal objects that accumulate tension. Bottles, a chair, a wheel, simple elements that are organised and disorganised within a precise physical game, where virtuosity exposes wear, persistence and risk. Humour appears as a deviation, not as relief, creating proximity while keeping the conflict open.

Through direct contact with the audience, the space becomes a shared territory of exposure and choice. The ending does not close or resolve, it suspends. Letting go, transforming, persisting or changing remain unstable possibilities. *Wine O'Clock* leaves the essential question hanging in the air, to what extent do we continue to repeat when we already know that something needs to be interrupted.

Criação, direção e interpretação *Creation, direction and performance* Nicola Fanton · *Dramaturgia* *Dramaturgy* Nicola Fanton · *Música* *Music* Emanuel Diaz · *Olhar externo* *External eye* Alba Gabriel Puiggros · *Figurinos* *Costumes* Lucala Atelier · *Ilustração* *Illustration* Pau Gros

FEDEC

Em colaboração com a FEDEC – Rede internacional para a formação profissional em circo, o Imaginarius abre espaço a criações desenvolvidas por estudantes e artistas recém-formados de escolas internacionais de circo. Estas propostas habitam um momento de transição, entre aprendizagem e afirmação, onde a prática artística ainda se constrói em contacto direto com o risco, a experimentação e a necessidade de dizer algo próprio.

As cinco criações selecionadas revelam a diversidade de linguagens, formatos e imaginários que atravessam o circo contemporâneo. Mais do que exercícios finais, são tentativas assumidas, dinâmicas em processo, ideias ainda por testar perante o público e o tempo real de um festival. Um espaço de afirmação, onde se experimenta, se falha, se insiste e se começa a consolidar uma voz autoral.

In collaboration with FEDEC, the international network for professional circus education, Imaginarius opens space for creations developed by students and recently graduated artists from international circus schools. These proposals inhabit a moment of transition, between learning and affirmation, where artistic practice is still being shaped through direct contact with risk, experimentation, and the need to articulate a distinct voice.

The five selected creations reveal the diversity of languages, formats, and imaginaries that run through contemporary circus. More than final exercises, they are deliberate attempts, dynamic processes in the making, ideas still to be tested in front of an audience and within the real time of a festival. A space of assertion, where experimentation, failure, and persistence coexist, and where an authorial voice begins to take shape.

Donde nace el color
Sebastian Pickering ^{BE/AR}

Doudounes
Tutti Korti Trio ^{FR/IT}

Merci d'etre venu jusqu'a ici
Rayen Hernandez & Ignacio Pinto ^{FR/CL}

Orlando
Alice Langlois ^{FR}

SYLI
Isabella Hännikkälä, Ella Laitinen, Jaska Isola, Viktoriia Adamova ^{FI}



Donde nace el color Sebastian Pickering ^{BE/AR}

22 maio *may*, 21:50 · 23 maio *may*, 17:40 · [Parque Urbano Condes de Fijó \(Piscinas\) – Tenda](#)

CIRCO *CIRCUS* · 10' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
FEDEC / ÉSAC

O espaço de criação apresenta-se como lugar de ordem e domínio. Um ateliê onde tudo parece poder ser organizado, corrigido e conduzido até uma forma ideal. Um criador tenta compor a sua obra definitiva, ajustando fragmentos, impondo equilíbrios e suspendendo o movimento, como se a perfeição dependesse da imobilidade.

Essa estabilidade, porém, revela-se frágil. À medida que o equilíbrio se desloca, a forma fixa começa a falhar e aquilo que era tratado como matéria controlável ganha autonomia, peso e imprevisibilidade. O gesto técnico transforma-se em esforço visível, o controlo em tensão, e a tentativa de perfeição expõe a sua própria violência subtil.

Entre pinos, teatro físico e ironia contida, *Donde nace el color* constrói um jogo delicado entre domínio e resistência. Quando o movimento irrompe, a obra deixa de ser objeto e torna-se relação, conflito e exposição. É nesse instante de rutura que a cor surge, não como ornamento, mas como sinal de vida, instabilidade e transformação.

The creative space presents itself as a place of order and control. A studio where everything seems capable of being organised, corrected and guided towards an ideal form. A creator attempts to compose their definitive work, adjusting fragments, imposing balances and suspending movement, as if perfection depended on stillness.

This stability, however, proves fragile. As balance shifts, the fixed form begins to fail and what was treated as controllable matter gains autonomy, weight and unpredictability. Technical gesture turns into visible effort, control into tension, and the pursuit of perfection exposes its own subtle violence.

Between juggling clubs, physical theatre and restrained irony, *Donde nace el color* builds a delicate game between domination and resistance. When movement breaks through, the work ceases to be an object and becomes relationship, conflict and exposure. It is in this moment of rupture that colour emerges, not as ornament, but as a sign of life, instability and transformation.

Criação e interpretação *Creation and performance* Sebastian Pickering



Doudounes Tutti Korti Trio ^{FR/IT}

21 maio *may*, 21:50 · 22 maio *may*, 18:40 · Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

CIRCO *CIRCUS* · 14' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
FEDEC / CNAC

A escolha de partilhar uma única roda Cyr impõe uma condição incontornável, coexistir. O que nasce como jogo rapidamente se transforma num exercício de negociação constante, onde avançar implica ceder, esperar, ajustar. Três intérpretes aceitam fechar percursos individuais para experimentar um movimento comum, instável e imprevisível.

Envolto em volumes coloridos, correm, caem, apoiam-se e tropeçam, tentando manter o ritmo sem se anularem. O espaço organiza-se a partir de acidentes e pequenas tensões, guiado por uma pulsação construída ao vivo, entre percussão, clarinete e sons de passos. O público é convidado a seguir esse compasso, entrando num universo onde nada é totalmente controlável.

Entre cumplicidade e fricção, o jogo coletivo substitui a performance individual. Inspirado por uma estética gráfica simples e pelo imaginário dos cartoons dos anos 90, *Doudounes* explora novas possibilidades acrobáticas a partir da limitação. Um percurso onde insistir, adaptar e partilhar se tornam gestos essenciais para continuar em movimento.

The decision to share a single Cyr wheel imposes an unavoidable condition: coexistence. What begins as a game quickly becomes an exercise in constant negotiation, where moving forward requires yielding, waiting and adjusting. Three performers agree to close off individual paths in order to experiment with a shared movement, unstable and unpredictable.

Wrapped in colourful volumes, they run, fall, support one another and stumble, trying to keep the rhythm without cancelling each other out. Space is organised through accidents and small tensions, guided by a pulse created live, between percussive, clarinet and the sound of footsteps. The audience is invited to follow this rhythm, entering a universe where nothing is ever fully under control.

Between complicity and friction, collective play replaces individual performance. Inspired by a simple graphic aesthetic and by the imaginary of 1990s cartoons, *Doudounes* explores new acrobatic possibilities born from limitation. A journey where insisting, adapting and sharing become essential gestures in order to keep moving.

Criação e interpretação *Creation and performance* Antonio Arnone, Clarisse Baudoin, Luna Lhomme



Merci d'être venu jusqu'a ici Rayen Hernandez & Ignacio Pinto ^{FR/CL}

21 maio *may*, 21:30 · 22 maio *may*, 18:20 · Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

CIRCO *CIRCUS* · 10' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
FEDEC / L'Academie Fratellini

Uma passagem breve e intensa, como as que definem certos momentos da vida. Um tempo vivido sabendo que não é definitivo. *Merci d'être venu jusqu'ici* nasce dessa condição provisória, da tensão entre o lugar onde se está e tudo aquilo que permanece ausente, mas ativo.

Em cena, memórias e presenças deslocadas são convocadas sem nostalgia. Pessoas amadas, distantes ou desaparecidas continuam a existir nos gestos, nas silhuetas, nas roupas suspensas, nos movimentos que persistem. A relação constrói-se a partir da acrobacia mão a mão, linguagem central do duo, como espaço de confiança, apoio e risco partilhado. Sustentar e ser sustentado torna-se uma forma de atravessar o tempo, a distância e a incerteza.

Entre fragilidade e alegria contida, a peça abre um espaço de partilha onde lembrar não é regressar, é avançar. Um gesto simples e preciso que transforma a travessia num lugar de presença, onde o que foi vivido não se encerra, continua a agir.

A brief and intense passage, like those that define certain moments in life. A time lived with the awareness that it is not definitive. *Merci d'être venu jusqu'ici* emerges from this provisional condition, from the tension between where one stands and all that remains absent, yet active.

On stage, displaced memories and presences are summoned without nostalgia. Loved ones, distant or gone, continue to exist in gestures, silhouettes, suspended clothing and movements that persist. The relationship is built through hand-to-hand acrobatics, the duo's central language, as a space of trust, support and shared risk. Supporting and being supported becomes a way of crossing time, distance and uncertainty.

Between fragility and contained joy, the piece opens a space of sharing where remembering is not about returning, but about moving forward. A simple and precise gesture that transforms departure into a place of presence, where what has been lived does not close, it continues to act.

Criação e interpretação *Creation and performance* Rayen Hernandez, Ignacio Pinto



Orlando Alice Langlois ^{FR}

21 maio *may*, 21:15 · 22 maio *may*, 18:00 · Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

CIRCO *CIRCUS* · 10' · 12+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
FEDEC / CNAC

Asuspensão cria um território intermédio, um espaço onde nada é definitivo e tudo está em transformação. Num trapézio, a ação instala-se na lentidão, recusando a urgência e afirmando o tempo como matéria. Cada gesto prolonga-se, permitindo que o olhar acompanhe o que muda, o que se desloca, o que ainda não ganhou forma.

Inspirado no romance homónimo de Virginia Woolf, este solo atravessa identidades, paisagens e temporalidades sem procurar fixá-las. O trapézio torna-se sucessivamente quadro, abrigo e passagem, abrindo um espaço instável onde delicadeza e estranheza coexistem. A suspensão revela interstícios, superfícies e silêncios, desenhando imagens que oscilam entre beleza e inquietação.

Pensado como um poema em movimento, *Orlando* propõe uma experiência de atenção partilhada. Convida a habitar o limiar, a aceitar o desequilíbrio e a permanecer nesse lugar incerto onde a transformação acontece. Um tempo suspenso que resiste à aceleração e devolve ao espaço comum a possibilidade de imaginar outras formas de estar.

Suspension creates an intermediate territory, a space where nothing is definitive and everything is in transformation. On a trapeze, the action settles into slowness, rejecting urgency and affirming time as material. Each gesture is prolonged, allowing the gaze to follow what changes, what shifts, what has not yet taken shape.

Inspired by the homonymous novel by Virginia Woolf, this solo moves across identities, landscapes and temporalities without seeking to fix them. The trapeze becomes, in turn, frame, shelter and passage, opening an unstable space where delicacy and strangeness coexist. Suspension reveals interstices, surfaces and silences, composing images that oscillate between beauty and unease.

Conceived as a poem in motion, *Orlando* proposes an experience of shared attention. It invites us to inhabit the threshold, to accept imbalance and to remain in that uncertain place where transformation occurs. A suspended time that resists acceleration and returns to common space the possibility of imagining other ways of being.

Criação e interpretação *Creation and performance* Alice Langlois



SYLI Isabella Hännikkälä, Ella Laitinen, Jaska Isola, Viktoriia Adamova ^{FI}

22 maio *may*, 21:15 · 23 maio *may*, 17:00 · Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

CIRCO *CIRCUS* · 30' · 6+
Estreia nacional *Portuguese premiere*
FEDEC / Turku University of Applied Sciences

Sustentar implica escolher ficar quando seria mais fácil afastar-se. Permanecer no grupo e, ainda assim, sentir-se à margem, menos criativo, menos capaz, menos digno de pertença. Como é ser o elemento deslocado dentro da própria comunidade, desejar pertencer e, simultaneamente, sentir-se em desalinho? A ação instala-se nesse limiar entre inclusão e afastamento, onde segurar e ser segurado deixam de ser gestos neutros e passam a envolver risco, exposição e responsabilidade partilhada.

Entre teatro físico, acrobacia aérea e roda Cyr, a proximidade revela tensões individuais e coletivas. O contacto expõe fragilidades, o apoio pode falhar, e cada decisão transporta a possibilidade de exclusão ou de amparo. O que se partilha não é apenas força, é a experiência de enfrentar a dúvida, o medo de não ser suficiente e a fratura silenciosa de quem procura o seu lugar.

Neste território instável, a comunidade não surge como promessa abstrata, mas como prática exigente. A imperfeição torna-se visível e operativa. SYLI constrói um tempo de confronto e cuidado, onde atravessar a sensação de estar deslocado e continuar presente transforma o espaço comum num lugar de apoio, exposição e escolha partilhada.

To sustain means choosing to stay when it would be easier to step away. To remain within the group and yet feel on its margins, less creative, less capable, less worthy of belonging. What does it mean to be the displaced element within one's own community, to long to belong while feeling out of alignment? The action settles in this threshold between inclusion and distance, where holding and being held cease to be neutral gestures and instead involve risk, exposure and shared responsibility.

Between physical theatre, aerial acrobatics and Cyr wheel, proximity reveals both individual and collective tensions. Contact exposes fragilities, support may falter, and each decision carries the possibility of exclusion or care. What is shared is not only strength, but the experience of confronting doubt, the fear of not being enough and the silent fracture of someone searching for their place.

In this unstable territory, community does not emerge as an abstract promise, but as a demanding practice. Imperfection becomes visible and operative. SYLI constructs a time of confrontation and care, where moving through the feeling of being out of place and choosing to remain transforms shared space into a site of support, exposure and collective choice.

Criação e interpretação *Creation and performance* Isabella Hännikkälä, Ella Laitinen, Jaska Isola, Viktoriia Adamova

Extensões Extensions

As extensões do festival prolongam o Imaginarius para além do seu centro imediato, ativando outros lugares, públicos e temporalidades. Ao expandir-se pelo território, o festival afirma-se como uma experiência distribuída, onde a criação artística se cruza com o quotidiano, a memória dos lugares e a vida comunitária. Estas extensões procuram alargar a experiência, descentralizar a fruição e reforçar a relação entre arte, território e comunidade, convidando à escuta, à permanência e ao encontro, e consolidando o Imaginarius como um projeto construído no território e com quem o habita.

The festival extensions carry Imaginarius beyond its immediate centre, activating other places, audiences and temporalities. By expanding across the territory, the festival asserts itself as a distributed experience, where artistic creation intersects with everyday life, the memory of places and community life. These extensions seek to broaden the experience, decentralise participation and strengthen the relationship between art, territory and community, inviting listening, presence and encounter, and consolidating Imaginarius as a project built within the territory and with those who inhabit it.

Arte pública
aMOSTr – Mostra de Edições Independentes
DJset

Arte pública Public art

O centro histórico de Santa Maria da Feira é também um lugar de camadas, marcas e presenças que não acontecem num só momento. O Imaginarius propõe um dispositivo de ativação de arte pública, que parte do mapeamento para estimular percursos livres e relações continuadas entre pessoas, arte e território, destacando intervenções que habitam a cidade para lá do tempo do festival e inscrevem a criação artística no ritmo contínuo do espaço urbano.

Mais do que um levantamento de obras, este mapa funciona como plataforma aberta de descoberta e reencontro, reunindo intervenções relevantes, permanentes e temporárias, que dialogam com a arquitetura, a memória e os usos quotidianos da cidade, criando pontos de contacto entre quem vive, atravessa ou regressa ao centro histórico. Não se organiza como exposição nem como roteiro fechado, mas como um campo de possibilidades, um conjunto de pontos de atenção distribuídos pelo território, disponíveis para serem encontrados no tempo de cada pessoa e ativados através da experiência direta, da curiosidade e da proximidade.

As obras selecionadas não se limitam a prolongar a presença do Imaginarius, assumem-se como presenças latentes no espaço comum, capazes de gerar pausa, debate, reconhecimento e novas formas de relação com a cidade. O gesto de olhar, parar, regressar ou partilhar um mesmo ponto transforma-se em parte ativa da experiência, aproximando a arte do quotidiano e o quotidiano da arte, ativando leituras plurais do território e abrindo espaço a uma relação mais consciente, curiosa e duradoura com aquilo que o habita.

The historic centre of Santa Maria da Feira is also a place of layers, traces, and presences that do not belong to a single moment. Imaginarius proposes a public art activation device that begins with mapping as a way to stimulate free movement and sustained relationships between people, art, and territory, highlighting interventions that inhabit the city beyond the time of the festival and inscribe artistic creation into the continuous rhythm of urban space.

More than a map of works, this device functions as an open platform for discovery and re-encounter, bringing together relevant permanent and temporary interventions that engage with the city’s architecture, memory, and everyday uses, creating points of contact for those who live in, pass through, or return to the historic centre. It is not organised as an exhibition nor as a fixed route, but as a field of possibilities, a set of points of attention distributed across the territory, available to be encountered in each person’s own time and activated through direct experience, curiosity, and proximity.

The selected works do more than extend the presence of Imaginarius. They assert themselves as latent presences within common space, capable of generating pause, debate, recognition, and new ways of relating to the city. The act of looking, stopping, returning, or sharing a point becomes an active part of the experience, bringing art closer to everyday life and everyday life closer to art, activating multiple readings of the territory and opening space for a more conscious, curious, and lasting relationship with what inhabits it.

Instalações temporárias Temporary installations

— Donzela

Joana Vasconcelos ^{PT} + Comunidade sénior de Santa Maria da Feira ^{PT}

21 – 24 maio *may* · Castelo

Donzela, de Joana Vasconcelos, regressa ao Castelo, o seu lugar de origem, como presença que reativa o espaço onde se inscreve. Mais do que um objeto a contemplar, a obra estabelece um diálogo direto com o património, a paisagem e o imaginário coletivo, afirmando a cidade como matéria viva e em permanente transformação. Entre memória e contemporaneidade, a Donzela introduz uma tensão subtil entre força e fragilidade, permanência e risco, convocando um olhar atento e disponível à interpretação. A sua presença não fixa sentidos nem se impõe como monumento intocável, propõe antes uma relação sensível com o lugar, onde a imaginação se cruza com a história e o território se assume como contexto ativo de criação.

Donzela, by Joana Vasconcelos, returns to the Castle, its place of origin, as a presence that reactivates the space into which it is inscribed. More than an object to be contemplated, the work establishes a direct dialogue with heritage, landscape, and the collective imagination, affirming the city as living matter in constant transformation. Between memory and contemporaneity, Donzela introduces a subtle tension between strength and fragility, permanence and risk, inviting an attentive gaze open to interpretation. Its presence does not fix meanings nor impose itself as an un-touchable monument, it instead proposes a sensitive relationship with the place, where imagination intersects with history and the territory asserts itself as an active context for creation.

Arte pública permanente Permanent public art

Diorama Cork Factory <p>Vhils ^{PT}</p>
Conjunto escultórico em homenagem à Festa das Fogaceiras <p>Vicente Gajardo ^{CL}</p>
Paixão <p>Paulo Neves ^{PT}</p>
Mosaicos do Mercado Municipal <p>Álvaro Siza Vieira & Gouvêa Portuense ^{PT}</p>
Homenagem a Roberto Vaz de Oliveira <p>Mário Janeiro ^{PT}</p>
Meninas brincando com a bola <p>Maria Lúcia Marques Matos ^{PT}</p>
D. Manuel I <p>José Rodrigues ^{PT}</p>
Ao Fado da Fogaceira <p>Baltazar Oliveira ^{PT}</p>
Rotary Clube da Feira <p>Honório Rodrigues ^{PT}</p>
D. Manuel I <p>Marcos Muge ^{PT}</p>
Ao Eleito Local <p>Emília Carneiro ^{PT}</p>
Homenagem ao Folclore da Vila da Feira <p>Pedro Homem de Melo ^{PT}</p>

Diorama Cork Faktory Whils ^{PT}

Praça Dr. Gaspar Moreira

CORTIÇA CORK

Escultura de grande formato baseada na série Diorama, cujo recorte intrincado expressa a relação de proximidade entre o ser humano e o meio onde trabalha, uma complexa teia de influência recíproca que dá forma e substância à relação entre ambos. Produzida em cortiça, a peça estabelece uma ligação direta à indústria corticeira, explorando a justaposição entre a entidade social e cultural do indivíduo e o meio industrial onde exerce a sua atividade, refletindo também sobre o papel da indústria na economia e a falta de investimento que o sector secundário tem sofrido em Portugal nas últimas décadas.

A large-scale sculpture based on the Diorama series, whose intricate cut-out expresses the close relationship between human beings and the environment in which they work, a complex web of reciprocal influence that shapes and gives substance to this connection. Produced in cork, the piece establishes a direct link to the cork industry, exploring the juxtaposition between the individual's social and cultural identity and the industrial environment in which they operate. It also reflects on the role of industry within the economy and on the lack of investment that the secondary sector has experienced in Portugal over recent decades.

Conjunto escultórico em homenagem à Festa das Fogaceiras Vicente Gajardo ^{CL}

Parque Urbano Condes de Filó

GRANITO GRANITE

Constituído por cinco obras e 11 elementos, o conjunto escultórico assinala os 500 anos da Festa das Fogaceiras. Desenvolvido em atelier ao vivo junto ao rio Cáster, permitiu à população acompanhar o processo durante mais de um ano. A fogaça estrutura o projeto, desenhada em espiral numa escala habitável, enquanto utensílios do seu fabrico foram recriados e adaptados a bancos de descanso; integram ainda o conjunto sete fogaceiras. Executado em granito português cinzento e branco, num total de 10 toneladas, o projeto procura suscitar reações distintas através da disposição dos seus elementos.

Comprising five works and eleven elements, this sculptural ensemble marks the 500th anniversary of the Festa das Fogaceiras. Developed through a live studio process by the Cáster River, it allowed the local community to follow its creation over the course of more than a year. The fogaça structures the project, designed in a spiral at an inhabitable scale, while tools associated with its making were recreated and adapted into resting benches. The ensemble also includes seven fogaceiras. Executed in grey and white Portuguese granite, with a total weight of 10 tonnes, the project seeks to generate distinct responses through the spatial arrangement of its elements.

Paixão Paulo Neves ^{PT}

Jardim da Biblioteca Municipal

MÁRMORE MARBLE

Obra que afirma a expressividade da matéria através de uma linguagem escultórica marcada pelo gesto e pela intensidade formal. A peça explora a tensão entre forma e emoção, convocando uma leitura simbólica que remete para a dimensão humana do sofrimento, da entrega e da transcendência. Inscrita no espaço público, a escultura estabelece um diálogo direto com o lugar onde se implanta, reforçando a presença da arte como elemento de memória, contemplação e identidade coletiva.

A work that affirms the expressiveness of matter through a sculptural language defined by gesture and formal intensity. The piece explores the tension between form and emotion, inviting a symbolic reading that evokes the human dimensions of suffering, devotion and transcendence. Situated in public space, the sculpture establishes a direct dialogue with its surroundings, reinforcing the presence of art as an element of memory, contemplation and collective identity.

Mosaicos do Mercado Municipal Álvaro Siza Vieira & Gouvêa Portuense ^{PT}

Mercado Municipal

CERÂMICA CERAMICS

Os mosaicos do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira (1959), concebidos por Álvaro Siza Vieira e Gouvêa Portuense, evocam os produtos tradicionalmente ali comercializados, estabelecendo uma ligação direta ao quotidiano. O uso do azulejo, material enraizado na tradição portuguesa, articula-se com soluções formais associadas ao movimento moderno, criando uma síntese entre cultura popular e linguagem arquitetónica contemporânea. Estes revestimentos em azul e branco afirmam-se como elemento artístico identitário no espaço público.

The tiles of the Santa Maria da Feira Municipal Market (1959), conceived by Álvaro Siza Vieira and Gouvêa Portuense, evoke the products traditionally sold there, establishing a direct link to every-day life. The use of tiles, a material deeply rooted in Portuguese tradition, is articulated with formal solutions associated with the modern movement, creating a synthesis between popular culture and contemporary architectural language. These blue and white surfaces assert themselves as an identitarian artistic element within public space.

Homenagem a Roberto Vaz de Oliveira Mário Janeiro ^{PT}

Alameda Roberto Vaz de Oliveira

GRANITO • BRONZE GRANITE • BRONZE

Obra que homenageia uma figura marcante da história local, afirmando-se como elemento de memória e reconhecimento público. A obra inscreve no espaço urbano uma presença simbólica que convoca o legado cívico e cultural do homenageado, articulando representação e evocação numa linguagem plástica contemporânea. Mais do que assinalar uma individualidade, o monumento reforça a importância da memória coletiva na construção da identidade do território.

A work that pays tribute to a significant figure in local history, asserting itself as an element of memory and public recognition. Installed in urban space, it inscribes a symbolic presence that evokes the civic and cultural legacy of the honouree, articulating representation and remembrance through a contemporary sculptural language. More than marking an individual, the monument reinforces the importance of collective memory in shaping the identity of the territory.

Meninas brincando com a bola Maria Lúcia Marques Matos ^{PT}

Alameda Roberto Vaz de Oliveira – Lago

BRONZE BRONZE

Escultura de Maria Lúcia Marques Maia que representa, de forma figurativa, um momento de infância marcado pelo jogo e pela cumplicidade. A composição centra-se na relação entre as figuras e o movimento sugerido pela bola, evocando leveza, espontaneidade e partilha. Implantada no espaço público, a obra convoca uma memória coletiva associada ao brincar e à vivência comunitária, afirmando a infância como dimensão essencial da experiência humana e do quotidiano urbano.

A sculpture by Maria Lúcia Marques Maia that figuratively represents a moment of childhood shaped by play and complicity. The composition focuses on the relationship between the figures and the movement suggested by the ball, evoking lightness, spontaneity and sharing. Installed in public space, the work calls upon a collective memory associated with play and communal life, affirming childhood as an essential dimension of human experience and of everyday urban life.

D. Manuel I José Rodrigues ^{PT}

Arquivo Municipal

BRONZE BRONZE

Obra que evoca a figura histórica do monarca português associada ao período dos Descobrimentos, à afirmação do reino no plano internacional e à concessão do foral à Vila da Feira e Terra de Santa Maria. A obra traduz, através de uma linguagem escultórica marcada pela solenidade e pela presença monumental, a dimensão política e simbólica do rei, inscrevendo no espaço público uma referência identitária ligada à história nacional. Ao representar D. Manuel I, a peça reforça a memória histórica e a relação entre património, poder e construção do imaginário coletivo.

A work that evokes the historical figure of the Portuguese monarch associated with the Age of Discoveries, the international affirmation of the kingdom, and the granting of the charter to the Vila da Feira and Terra de Santa Maria. Through a sculptural language marked by solemnity and monumental presence, the piece conveys the political and symbolic dimension of the king, inscribing in public space an identitarian reference connected to national history. By representing King Manuel I, the work reinforces historical memory and the relationship between heritage, power and the construction of the collective imagination.

Ao Fado da Fogaceira Baltazar Oliveira ^{PT}

Praça Dr. Gaspar Moreira

BRONZE BRONZE

Implantada na escadaria do anfiteatro, a escultura em bronze presta homenagem ao Fado das Fogaceiras, da autoria de Paulo Sá, evocando uma das expressões simbólicas associadas à Festa das Fogaceiras. Celebrada anualmente a 20 de janeiro, feriado municipal, a festa tem como principal protagonista a Fogaça, oferenda sagrada e voto devocional ao Mártir S. Sebastião, pela graça concedida de livrar o povo feirense da peste, da morte e da guerra já em tempos medievais.

Installed on the steps of the amphitheatre, this bronze sculpture pays tribute to Fado das Fogaceiras, composed by Paulo Sá, evoking one of the symbolic expressions associated with the Festa das Fogaceiras. Celebrated annually on 20 January, a municipal holiday, the festival centres on the Fogaça, a sacred offering and votive gesture to Saint Sebastian, in gratitude for the grace believed to have spared the people of Santa Maria da Feira from plague, death and war in medieval times.

Rotary Clube da Feira Honório Rodrigues ^{PT}

Avenida Dr. Belchior Cardoso da Costa

METAL METAL

A obra de Honório Rodrigues materializa, em linguagem escultórica, o lema rotário “dar de si antes de pensar em si”, traduzindo em forma e presença pública os valores de serviço, solidariedade e compromisso comunitário. A escultura afirma-se como marco identitário no tecido urbano, evocando a dimensão ética da ação cívica e a importância do contributo individual para o bem coletivo. Inscrita no espaço viário, a peça transforma a rotunda num lugar simbólico de reconhecimento e pertença.

Honório Rodrigues' work materialises, through sculptural language, the Rotary motto "Service Above Self", translating into form and public presence the values of service, solidarity and community commitment. The sculpture asserts itself as an identifying landmark within the urban fabric, evoking the ethical dimension of civic action and the importance of individual contribution to the common good. Positioned within the road network, the piece transforms the roundabout into a symbolic place of recognition and belonging.

D. Manuel I Marcos Muge ^{PT}

Rua Dr. Santos Carneiro

CERÂMICA CERAMICS

Painel de azulejos dedicado ao período dos Descobrimentos, tendo como motivo central os reis D. João II e D. Manuel I. A obra foi apresentada pela primeira vez em Lisboa, na Feira Internacional de Artesanato, na FIL, entre 5 e 13 de julho de 1997, encontrando-se atualmente instalada no espaço público de Santa Maria da Feira. O painel afirma-se como evocação visual de um momento estruturante da história nacional, inscrito na paisagem urbana.

A tile panel dedicated to the Age of Discoveries, with King João II and King Manuel I as its central figures. The work was first presented in Lisbon at the International Handicrafts Fair (FIL), from 5 to 13 July 1997, and is currently installed in public space in Santa Maria da Feira. The panel stands as a visual evocation of a defining moment in national history, inscribed within the urban landscape.

Ao Eleito Local Emília Carneiro ^{PT}

Rua António de Castro Corte Real

GRANITO GRANITE

A obra constitui uma homenagem simbólica ao papel do poder local na vida democrática e na proximidade com as comunidades. Implantada junto à Junta de Freguesia de Santa Maria da Feira, a escultura evoca a responsabilidade cívica e o compromisso público associados ao exercício de funções autárquicas. A peça afirma-se, assim, como um gesto de reconhecimento institucional, sublinhando a importância da participação e do serviço público na construção da vida coletiva.

The work constitutes a symbolic tribute to the role of local government in democratic life and in its proximity to communities. Installed next to the Parish Council of Santa Maria da Feira, the sculpture evokes the civic responsibility and public commitment associated with the exercise of local political office. The piece thus stands as a gesture of institutional recognition, highlighting the importance of participation and public service in the construction of collective life.

Homenagem ao Folclore da Vila da Feira Pedro Homem de Melo ^{PT}

Alameda Roberto Vaz de Oliveira – Lago

CERÂMICA CERAMICS

O painel de azulejos apresenta um poema de homenagem ao universo do folclore local da autoria de Pedro Homem de Melo. Inscrito no espaço público, o texto evoca as tradições populares, as danças e os trajes que marcaram a identidade cultural do território, afirmando o folclore como expressão viva da memória coletiva e do património cultural da comunidade feirense.

The tile panel presents a poem by Pedro Homem de Melo paying tribute to the universe of local folklore. Installed in public space, the text evokes the popular traditions, dances and costumes that have shaped the cultural identity of the territory, affirming folklore as a living expression of collective memory and of the cultural heritage of the Santa Maria da Feira community.

aMOSTr – Mostra de Edições Independentes

21 maio *may*, 17:00 – 00:00 · 22 maio *may*, 14:00 – 00:00 · 23 maio *may*, 14:00 – 00:00 · [Mercado Municipal](#) [Municipal Market](#)

EDIÇÃO · FANZINE · VINIL EDITION · FANZINE · VINYL

Durante o festival, o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira transforma-se e assume um novo ritmo. Um espaço icónico do quotidiano passa a acolher um mercado dedicado ao vinil, à banda desenhada, à fanzine e ao livro independente, prolongando o Imaginarius para o território da edição, da escuta e do pensamento gráfico.

Esta transformação acontece em articulação com a aMOSTr, Mostra de Edições Independentes, um projeto com percurso consolidado a nível nacional, que encontra aqui uma nova configuração, pensada especificamente para o contexto do festival. Através de uma curadoria seletiva e compacta, o mercado reúne editores, livreiros, músicos e criadores visuais, criando um espaço onde procurar, folhear, ouvir e conversar fazem parte da mesma experiência.

Entre bancas, exposições e momentos de partilha, constrói-se uma rede viva entre quem cria, quem edita e quem descobre. A programação paralela, que inclui leituras, lançamentos, conversas, sessões de escuta e oficinas, reforça o mercado como espaço ativo, onde a edição independente dialoga com a cidade e com o tempo presente, celebrando processos, vozes e formas de fazer fora dos circuitos dominantes.

During the festival, the Santa Maria da Feira Municipal Market is transformed and takes on a new rhythm. An iconic space of everyday life becomes home to a market dedicated to vinyl, comics, fanzines and independent publishing, extending Imaginarius into the territories of editing, listening and graphic thinking.

This transformation takes place in collaboration with aMOSTr – Mostra de Edições Independentes, a project with a well-established national trajectory, which here assumes a new configuration designed specifically for the festival context. Through a selective and compact curatorial approach, the market brings together publishers, booksellers, musicians and visual creators, creating a space where searching, browsing, listening and conversation are part of the same experience.

Between stalls, exhibitions and moments of exchange, a living network is formed between those who create, those who publish and those who discover. The parallel programme, which includes readings, launches, talks, listening sessions and workshops, reinforces the market as an active space, where independent publishing enters into dialogue with the city and the present moment, celebrating processes, voices and ways of working outside dominant circuits.

Curadoria *Curatorship* Cabe Cave Associação Cultural · Expositores *Exhibitors* Chaputa Records, Fanzine / Plan de Tal, Fanzine Ultravioleta, Livraria Snob

DJ set

Ao final do dia, o festival abre um espaço dedicado à escuta e à permanência. Um lugar pensado para desacelerar, relaxar e atravessar o tempo com outra atenção, onde a música cria atmosfera e acompanha o ritmo do festival. Entre sonoridades diversas e ambientes musicais cuidadosamente desenhados, este espaço afirma-se como território de pausa e de sensibilidade, prolongando a experiência do Imaginarius para além do espetáculo. Um convite a estar, sentir e partilhar, deixando que o som habite o espaço e prepare o encontro com a noite.

At the end of the day, the festival opens a space dedicated to listening and staying. A place conceived for slowing down, relaxing and inhabiting time with a different attentiveness, where music creates atmosphere and accompanies the rhythm of the festival. Between diverse soundscapes and carefully designed musical environments, this space asserts itself as a territory of pause and sensitivity, extending the Imaginarius experience beyond the performance. An invitation to stay, to feel and to share, allowing sound to inhabit the space and prepare the encounter with the night.

FOQUE ^{PT}

Rui Maia ^{PT}



FOQUE ^{PT}

22 maio *may*, 19:15 · [Casa do Moinho](#)

MÚSICA *MUSIC* · 90' · 6+

A música instala-se como ambiente e continuidade. FOQUE, músico e produtor, constrói um DJ set que cruza eletrónica, ritmo e escuta cuidada, pensado para acompanhar o tempo do festival sem o interromper. O seu percurso entre criação autoral, edições próprias e colaborações diversas reflete-se numa abordagem atenta ao contexto e ao momento.

O som circula de forma orgânica, criando um espaço onde é possível ficar, conversar, atravessar e regressar. Entre camadas rítmicas e atmosferas abertas, a música acompanha a transição do dia para a noite, convidando à permanência e à partilha. Um momento leve e sensível, onde o som habita o espaço e prolonga o Imaginarius como experiência de escuta, encontro e presença.

Music settles in as atmosphere and continuity. FOQUE, a musician and producer, builds a DJ set that brings together electronics, rhythm and attentive listening, conceived to accompany the rhythm of the festival without interrupting it. His trajectory across original creation, independent releases and diverse collaborations is reflected in an approach that is sensitive to context and to the moment.

Sound circulates organically, creating a space where it is possible to stay, talk, pass through and return. Between rhythmic layers and open atmospheres, the music accompanies the transition from day to night, inviting permanence and sharing. A light and sensitive moment, where sound inhabits the space and extends Imaginarius as an experience of listening, encounter and presence.



Rui Maia ^{PT}

23 maio *may*, 19:15 · [Casa do Moinho](#)

MÚSICA *MUSIC* · 90' · 6+

A música instala-se como território de atravessamento. Com um percurso marcado pela circulação entre bandas, projetos de eletrónica e uma escuta atenta de múltiplas genealogias sonoras, Rui Maia, figura central do projeto Mirror People e membro dos X-Wife, constrói um DJ set que cruza disco, eletrónica e pulsação rítmica com a experiência de quem conhece o tempo do palco e o tempo da cidade.

Aqui, o som não se impõe, organiza o espaço. Entre memória musical e leitura do presente, o live set acompanha o cair da luz, cria continuidade e convida à permanência. Um momento pensado para habitar o festival de forma aberta, onde a música funciona como ligação entre pessoas, lugares e instantes, prolongando o Imaginarius como experiência sensível e partilhada.

Music settles in as a territory of passage. With a trajectory shaped by movement between bands, electronic projects and an attentive listening to multiple sonic genealogies, Rui Maia, a central figure of the Mirror People project and a member of X-Wife, builds a live set that brings together disco, electronics and rhythmic pulse with the experience of someone who understands both stage time and city time.

Here, sound does not impose itself, it organises space. Between musical memory and a reading of the present, the live set follows the fading of the light, creates continuity and invites people to stay. A moment conceived to inhabit the festival in an open way, where music acts as a connector between people, places and moments, extending Imaginarius as a sensitive and shared experience.

PRO

O Imaginarius PRO nasce da vontade de criar tempo e espaço para estar, dialogar e cruzar caminhos dentro do festival. Um lugar pensado para profissionais, mas vivido com a mesma abertura, curiosidade e disponibilidade que atravessa toda a programação. Aqui, o encontro não acontece à margem, acontece no centro, no ritmo do Imaginarius, entre espetáculos, ideias, pes-soas e perspetivas.

Nesta edição, o PRO aposta numa presença mais leve, próxima e relacional. As sessões de partilha e apresentação são desenhadas para favorecer a escuta, a troca e a conversa sem pressa, deixando espaço para que os encontros se prolonguem naturalmente. Ao aproximar-se do centro pulsante do festival, o Imaginarius PRO assume que pensar o setor faz mais sentido quando acontece no mesmo lugar onde a arte se testa, se expõe ao risco e se encontra com o público. Não como programa paralelo, mas como parte viva do que está a acontecer.

Imaginarius PRO emerges from the desire to create time and space to be present, to dialogue, and to cross paths within the festival. A place designed for professionals, yet lived with the same openness, curiosity, and availability that run through the entire programme. Here, encounters do not happen on the margins, they take place at the centre, in the rhythm of Imaginarius, between performances, ideas, people, and perspectives.

In this edition, PRO embraces a lighter, closer, and more relational presence. The pitches and presentation sessions are designed to encourage listening, exchange, and unhurried conversation, leaving room for encounters to unfold naturally. By moving closer to the pulsating heart of the festival, Imaginarius PRO assumes that thinking about the sector makes more sense when it happens in the very place where art is tested, exposed to risk, and meets its audiences. Not as a parallel programme, but as a living part of what is taking place.

Contextos de criação: sessão de apresentação de projetos artísticos 1

Contexts of creation: artistic projects presentation session 1

22 maio *may*, 11:00

Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

Moderação *Facilitation*: Angus MacKechnie ^{UK}

Projetos artísticos em fase de desenvolvimento são apresentados num formato breve e direto, abrindo o processo criativo à escuta e ao diálogo. Artistas e coletivos partilham ideias, intenções e questões em aberto, convidand.vostao à troca num momento que se inscreve no próprio fluxo do festival, entre espetáculos, encontros e conversas informais.

Artistic projects currently in development are presented in a brief and direct format, opening up the creative process to listening and dialogue. Artists and collectives share ideas, intentions, and open questions, inviting exchange within a moment that unfolds in the very flow of the festival, between performances, encounters, and informal conversations.

—
Por dentro do processo: visita ao Imaginarius Centro de Criação

Inside the process: visit to the Imaginarius Creation Centre

22 maio *may*, 14:30

Imaginarius Centro de Criação *Imaginarius Creation Centre*

Uma visita ao Imaginarius Centro de Criação, onde se desenvolvem processos artísticos e criativos ao longo do ano. O percurso permite conhecer os espaços, as condições de trabalho e os modelos como o centro acolhe residências, artistas e projetos de experimentação, em ligação direta com o espaço público e com o contexto local.

A visit to the Imaginarius Centro de Criação, the creation centre where artistic and creative processes are developed throughout the year. The visit offers insight into the spaces, working conditions, and models through which the centre hosts residencies, artists, and experimental projects, in direct connection with public space and the local context.

—
Contextos de criação: sessão de apresentação de projetos artísticos 2

Contexts of creation: artistic projects presentation session 2

23 maio *may*, 11:00

Parque Urbano Condes de Fijó (Piscinas) – Tenda

Moderação *Facilitation*: Angus MacKechnie ^{UK}

Segunda sessão dedicada a propostas artísticas que exploram linguagens, formatos e relações possíveis com o espaço público. Na primeira pessoa, apresentam-se percursos, escolhas e direções de trabalho, num contexto que privilegia a proximidade, a curiosidade e o prolongamento natural das conversas para além do momento de apresentação.

A second session is dedicated to artistic proposals that explore languages, formats, and possible relationships with public space. Speaking in the first person, artists present their trajectories, choices, and working directions, within a context that privileges proximity, curiosity, and the natural continuation of conversations beyond the presentation itself.

As inscrições estão abertas até 15 de maio e devem ser realizadas através do website
PRO registration is open until 15 May and must be completed via the website **www.imaginarius.pt**.

Mediação Mediation

Há gestos que não acontecem em cena, mas que sustentam tudo o que aí se revela. Entre espetáculos, encontros e a descoberta da cidade, o Imaginarius abre espaço a momentos de partilha onde a criação se torna próxima, acessível e profundamente humana. Laboratórios, oficinas, conversas e práticas conduzidas por artistas da programação criam contextos de escuta e experimentação, onde o fazer artístico se cruza com a experiência quotidiana da comunidade. Estas ações operam num outro ritmo, mais atento e duradouro. Trabalham a transmissão, o encontro entre gerações, a curiosidade e o desejo de continuar a criar. Ao envolver a comunidade local, jovens, escolas, associações e públicos diversos, o Imaginarius constrói um lastro que permanece para lá do festival. Um investimento na dimensão da permanência, onde a mediação não é um complemento, mas uma forma de cuidado, de continuidade e de futuro partilhado.

There are gestures that do not take place on stage, yet sustain everything that is revealed there. Between performances, encounters and the discovery of the city, Imaginarius creates space for moments of sharing where creation becomes close, accessible and profoundly human. Laboratories, workshops, conversations and practices led by artists from the programme generate contexts of listening and experimentation, where artistic practice intersects with the everyday experience of the community.

These actions operate at a different rhythm, more attentive and more enduring. They work with transmission, encounters between generations, curiosity and the desire to keep creating. By involving the local community, young people, schools, associations and diverse audiences, Imaginarius builds a foundation that lasts beyond the festival itself. An investment in permanence, where mediation is not an add-on, but a form of care, continuity and a shared future.

Conversas Talks

Nos 25 anos do Imaginarius, o festival aproxima-se ainda mais do território. Antes de ocupar ruas e praças, instala-se num lugar quotidiano e acessível, uma loja do Mercado Municipal, transformada temporariamente em espaço de pensamento, proximidade e informação. Este espaço nasce para abrir o festival por dentro. Um lugar onde se partilham ideias, se explicam escolhas e se cruzam visões. Ao longo das semanas que antecedem o Imaginarius, aqui acontecem conversas regulares sobre o festival, os artistas, a programação, a identidade visual e o futuro do projeto, criando um tempo de escuta e de encontro antes da intensidade dos dias do festival. Mais do que antecipar conteúdos, estas conversas afirmam um modo de estar. Um festival que se pensa em público, que se constrói em diálogo e que assume a cidade não apenas como palco, mas como parceira ativa.

In its 25th year, Imaginarius moves even closer to the territory it inhabits. Before occupying streets and squares, the festival settles into an everyday and accessible place: a shop in the Municipal Market, temporarily transformed into a space for thought, proximity and information. This space is conceived to open the festival from within. A place where ideas are shared, choices are explained and perspectives intersect.

Throughout the weeks leading up to Imaginarius, this space hosts regular conversations about the festival, the artists, the programme, the visual identity and the future of the project, creating a time for listening and encounter before the intensity of the festival days. More than anticipating content, these conversations affirm a way of being. A festival that thinks itself in public, that is built through dialogue, and that understands the city not merely as a stage, but as an active partner.

—
Ocupar a cidade como gesto artístico
Occupying the city as an artistic gesture

18 maio *may*, 18:30 · Mercado Municipal
Conversa com *Talk with* Desvio Coletivo ^{BR}

Público-alvo: Público em geral *Target audience: General public*

Partindo da prática artística do Desvio Coletivo, este encontro propõe uma reflexão sobre a cidade como matéria de criação, conflito e possibilidade. A conversa atravessa os processos do coletivo brasileiro, as suas intervenções em espaço público e a forma como a arte pode revelar, tensionar e reconfigurar relações sociais, políticas e simbólicas inscritas no território urbano. Um momento para pensar o espaço público não como cenário, mas como campo ativo de disputa, presença e transformação artística.

Starting from the artistic practice of Desvio Coletivo, this meeting proposes a reflection on the city as material for creation, conflict and possibility. The conversation traverses the processes of the Brazilian collective, their interventions in public space and the ways in which art can reveal, tension and reconfigure social, political and symbolic relationships inscribed in the urban territory. A moment to think of public space not as a backdrop, but as an active field of dispute, presence and artistic transformation.

Priscila Toscano & Leandro Brasília Desvio Coletivo

—
Ambiente, cidade e intervenção artística
Environment, city and artistic intervention

19 maio *may*, 18:30 · Mercado Municipal
Conversa com *Conversation with* Legs On The Wall ^{AU}

Público-alvo: Público em geral *Target audience: General public*
Idioma: Conversa em inglês *Language: Talk in English*

Partindo da experiência da companhia australiana Legs On The Wall, este encontro propõe um olhar atento sobre a forma como a criação artística se cruza com a cidade e com as questões ambientais do presente. A conversa explora processos de trabalho em grande escala, a relação com a arquitetura e a paisagem urbana, e o modo como a intervenção artística pode ativar o espaço público como lugar de consciência, risco e transformação. Um momento para pensar a cidade como território de criação e responsabilidade partilhada.

Drawing on the experience of the Australian company Legs On The Wall, this meeting offers an attentive look at how artistic creation intersects with the city and with contemporary environmental issues. The conversation explores large-scale working processes, the relationship with architecture and the urban landscape, and the ways in which artistic intervention can activate public space as a place of awareness, risk and transformation. A moment to think of the city as a territory of creation and shared responsibility.

Joshua Thomson & David Jackson Legs On The Wall

—

Audiodescrição Audio description **(AD)**

O espetáculo **Mirage** disponibiliza serviço de audiodescrição, destinado a pessoas com deficiência visual. A participação é gratuita, mediante inscrição prévia, permitindo um acompanhamento adequado e uma experiência mais próxima do conteúdo artístico.

The performance **Mirage** offers an audio description service for people with visual impairments. Participation is free of charge, subject to prior registration enabling appropriate support and a closer engagement with the artistic content.

—

Mobilidade, circulação e estacionamento

Mobility, circulation and parking

A **Loja Interativa de Turismo** disponibiliza duas cadeiras de rodas para empréstimo a pessoas com mobilidade reduzida, bem como dois carrinhos de bebê, facilitando a permanência no recinto e a circulação entre espaços.

O festival assegura ainda estacionamento reservado para pessoas com mobilidade reduzida (Rua Dr. Santos Carneiro), contribuindo para um acesso mais próximo, seguro e contínuo desde a chegada até aos diferentes pontos da programação.

The Interactive Tourism Office provides two wheelchairs for loan to people with reduced mobility, as well as two baby strollers, facilitating time spent on site and movement between venues.

The festival also ensures reserved parking for people with reduced mobility (Dr. Santos Carneiro), contributing to closer, safer and continuous access from arrival to the different programme locations.

—

Lugares acessíveis nos palcos

Accessible areas at performance sites

Seis espaços de apresentação dispõem de lugares preferenciais para público com mobilidade reduzida (Praça Dr. Gaspar Moreira, Rossio, Arquivo Municipal, Alameda do Tribunal, Rua de Descobrimentos, Parque Urbano Condes de Fijó). Estes lugares deverão ser ocupados 15 minutos antes do início de cada espetáculo, garantindo melhores condições de visibilidade, segurança e conforto.

Six performance locations offer priority seating for audiences with reduced mobility (Praça Dr. Gaspar Moreira, Rossio, Arquivo Municipal, Alameda do Tribunal, Rua de Descobrimentos, Parque Urbano Condes de Fijó). These seats should be occupied 15 minutes before the start of each performance, ensuring better visibility, safety and comfort.

—

Mapa de estímulos sensoriais

Sensory stimulus map

Um mapa de estímulos sensoriais está disponível, identificando zonas de maior intensidade sonora, visual ou de concentração de público. Esta ferramenta permite antecipar contextos, apoiar decisões informadas e promover uma vivência mais segura e confortável, particularmente relevante para pessoas neurodivergentes, famílias e públicos sensíveis ao excesso de estímulos.

A sensory stimulus map is available, identifying areas of higher sound or visual intensity, as well as zones with greater audience concentration. This tool supports anticipation, informed decision-making and a safer, more comfortable experience, and is particularly relevant for neurodivergent people, families and audiences sensitive to sensory overload.

Street Food

21 maio *may*, 17:00 – 00:00

22 maio *may*, 12:00 – 01:00

23 maio *may*, 12:00 – 01:00

A área de *street food* é um espaço de pausa, encontro e convivência. Entre espetáculos e percursos pela cidade, este território convida a desacelerar, permanecer e cruzar pessoas, prolongando a experiência do festival no tempo e no espaço. Um lugar informal onde a celebração continua, sem pressa e sem hierarquias.

The street food area is a space for pause, encounter and conviviality. Between performances and routes through the city, this territory invites people to slow down, stay and cross paths, extending the festival experience in time and space. An informal place where celebration continues, without rush and without hierarchies.

Gastronomia Gastronomy

Durante o Imaginarius, a cidade vive-se também à mesa. Sabores Imaginarius convida a descobrir Santa Maria da Feira através da sua gastronomia, valorizando restaurantes, chefs e produtos locais que fazem parte da identidade do território. Entre tradição e criatividade, a experiência artística prolonga-se nos sabores, celebrando a distinção de Cidade Criativa da Gastronomia e afirmando a mesa como mais um palco de encontro, partilha e imaginação.

During Imaginarius, the city is also experienced at the table. Sabores Imaginarius invites audiences to discover Santa Maria da Feira through its gastronomy, highlighting restaurants, chefs and local products that form part of the territory’s identity. Between tradition and creativity, the artistic experience extends into flavour, celebrating the city’s designation as a Creative City of Gastronomy and affirming the table as yet another stage for encounter, sharing and imagination.

Restaurantes aderentes Participating restaurants

A Botica de Baco · Cervejaria Norte · Deja Vu · Feitoria · Jimbras



21 maio may

18:00 · COMUNIDADE *COMMUNITY* · 45'

Abertura
25 anos: uma geração imaginada, um futuro comum

Casa do Moinho

18:00 · ARTES DIGITAIS · INSTALAÇÃO *DIGITAL ARTS · INSTALLATION* · M/6 · 360'

Seasons · Arnaud Laffond ^{FR}

Rua Dr. Roberto Alves

18:30 · TEATRO DE RUA *STREET THEATRE* · M/3 · 50'

mEza · Projeto EZ ^{PT}

Praça Dr. Gaspar Moreira

18:45 · MÚSICA *MUSIC* · M/3 · 60'

Brass Band · P.O.S.S.E ^{PT}

Casa do Moinho · Igreja Matriz

Rua Dr. Roberto Alves · Praça Dr. Gaspar Moreira

19:15 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 35'

Isla of Flightless Birds

Duo ACASO ^{PT/BR/SI}

Rossio

20:00 · ARTES VISUAIS · CARICATURA *VISUAL ARTS · CARICATURE* · M/3 · 180'

Caricature · António La Fata Compagnia dei Saltimbanchi ^{IT}

Praça da República

20:10 · DANÇA VERTICAL *VERTICAL DANCE* · M/3 · 40'

Tri-Fábrica · Hannah Verghese, Hannah Scully, Kate Dunne ^{PT/IE/UK}

Arquivo Municipal

20:30 · TEATRO DE RUA *STREET THEATRE* · M/3 · 50'

mEza · Projeto EZ ^{PT}

Rua António Castro Corte Real

20:50 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 45'

Wine O'Clock · Nicola Fanton ^{IT/PT}

Rossio

21:00 · MÚSICA *MUSIC* · M/3 · 60'

Brass Band · P.O.S.S.E ^{PT}

Praça Dr. Gaspar Moreira

Rua dos Descobrimentos · Igreja Matriz

21:15 · CIRCO *CIRCUS* · M/12 · 10'

Orlando · Alice Langlois ^{FR}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

21:15 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 30'

Nômadas · LaB In Dança ^{PT}

Arquivo Municipal

21:30 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 10'

Merci d'etre venu jusqu'a ici

Rayen Hernandez & Ignacio Pinto ^{FR/CL}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

21:50 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 25'

Sinapse Colapse · Meio Circo ^{PT}

Jardim da Biblioteca Municipal

21:50 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 14'

Doudounes · Tutti Korti Trio ^{FR/IT}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

22:00 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 50'

Mirage (un jour de fête) · Cie. Dyptik ^{FR}

Casa do Moinho

22:15 · CIRCO · TEATRO FÍSICO

CIRCUS · PHYSICAL THEATRE · M/3 · 30'

Virulana · Merlina ^{PT/AR}

Arquivo Municipal

22:20 · TEATRO DE RUA · INSTALAÇÃO *STREET THEATRE · INSTALLATION* · M/16 · 30'

Ossos de Ofício

Inês Vieira e Tiago Vieira ^{PT}

Jardim da Biblioteca Municipal

23:00 · TEATRO DE OBJETOS · MÚSICA

OBJECT THEATRE · MUSIC · M/6 · 50'

B-O-M! · Cie. Le Piston Errant ^{FR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

22 maio may

11:00 · 100'

Contextos de criação: sessão de apresentação de projetos artísticos 1 - PRO

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

14:00 · ARTES DIGITAIS · INSTALAÇÃO

DIGITAL ARTS · INSTALLATION · M/6 · 660'

Seasons · Arnaud Laffond ^{FR}

Rua Dr. Roberto Alves

14:00 · INSTALAÇÃO · JOGO *INSTALLATION · GAME* · M/3 · 180'

Xics del Xurrac · Tombs Creatius ^{ES}

Rossio

14:00 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 10'

One step at a time

Simon & Quinn – Duo SAQ ^{CA/NZ}

Rossio

14:15 · DANÇA · TEATRO FÍSICO

DANCE · PHYSICAL THEATRE · M/6 · 40'

Con la cabeza en las nubes · SÓA ^{ES}

Jardim da Biblioteca Municipal

14:30 · 60'

Por dentro do processo: visita ao Imaginarius Centro de Criação - PRO

Imaginarius Centro de Criação

14:45 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 16'

SKUMO · Orla Hardie ^{UK}

Rossio

15:10 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 25'

99 Grammi · Cia. Lupa ^{IT}

Jardim da Biblioteca Municipal

15:15 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 25'

Drop me if you dare · Joli Vyann ^{UK}

Rossio

16:00 · CIRCO · MÚSICA

CIRCUS · MUSIC · M/6 · 60'

Runners · Hippana.Maleta ^{IE/DE/ES}

Praça Dr. Gaspar Moreira

17:00 · TEATRO DE RUA

STREET THEATRE · M/3 · 50'

mEza · Projeto EZ ^{PT}

Rua António Castro Corte Real

17:00 · ARTES VISUAIS · CARICATURA

VISUAL ARTS · CARICATURE · M/3 · 180'

Caricature · António La Fata

Compagnia dei Saltimbanchi ^{IT}

Rua Jornal Correio da Feira

17:15 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 40'

SHHH!!! – a physical onomatopoeia

A TOPE ^{AR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

17:30 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 40'

Atempo · Gato Blanco Gato Negro ^{AR}

Rossio

17:45 · DANÇA · CIRCO

DANCE · CIRCUS · M/3 · 30'

ANOIS · Kathleen Doherty ^{IE}

Jardim da Biblioteca Municipal

18:00 · CIRCO *CIRCUS* · M/12 · 10'

Orlando · Alice Langlois ^{FR}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

18:15 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 30'

Curioso! · Capuchini Circo ^{ES/AR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

18:20 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 10'

Merci d'etre venu jusqu'a ici

Rayen Hernandez & Ignacio Pinto ^{FR/CL}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

18:30 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 45'

Wine O'Clock · Nicola Fanton ^{IT/PT}

Rossio

18:30 · DANÇA · TEATRO FÍSICO

DANCE · PHYSICAL THEATRE · M/6 · 40'

Con la cabeza en las nubes · SÓA ^{ES}

Jardim da Biblioteca Municipal

18:40 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 14'

Doudounes · Tutti Korti Trio ^{FR/IT}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

19:00 · TEATRO DE RUA

STREET THEATRE · M/6 · 50'

Fuego · Gratte Ciel ^{FR}

Alameda do Tribunal

19:15 · MÚSICA *MUSIC* · M/6 · 90'

DJset · FOQUE ^{PT}

Casa do Moinho

19:15 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 30'

The Amazing Lebart · Cia. Lebart ^{AR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

19:30 · INSTALAÇÃO · JOGO

INSTALLATION · GAME · M/3 · 180'

Xics del Xurrac · Tombs Creatius ^{ES}

Rossio

19:30 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 40'

Galumphing · Manteca al dente ^{IT/AR}

Rua dos Descobrimentos

19:50 · MÚSICA *MUSIC* · M/3 · 60'

Brass Band · P.O.S.S.E ^{PT}

Alameda do Tribunal · Igreja da Misericórdia

Praça da República · Igreja Matriz

20:00 · DANÇA · CIRCO

DANCE · CIRCUS · M/3 · 30'

ANOIS · Kathleen Doherty ^{IE}

Jardim da Biblioteca Municipal

20:20 · DANÇA VERTICAL

VERTICAL DANCE · M/3 · 40'

Tri-Fábrica · Hannah Verghese, Hannah Scully,

Kate Dunne ^{PT/IE/UK}

Arquivo Municipal

20:30 · CIRCO · MÚSICA

CIRCUS · MUSIC · M/6 · 60'

Runners · Hippana.Maleta ^{IE/DE/ES}

Praça Dr. Gaspar Moreira

20:30 · TEATRO DE RUA

STREET THEATRE · M/3 · 50'

mEza · Projeto EZ ^{PT}

Rua António Castro Corte Real

20:40 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 40'

SHHH!!! – a physical onomatopoeia

A TOPE ^{AR}

Rua dos Descobrimentos

20:45 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 35'

Isla of Flightless Birds

Duo ACASO ^{PT/BR/SI}

Rossio

21:00 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 25'

Drop me if you dare · Joli Vyann ^{UK}

Jardim da Biblioteca Municipal

21:00 · ARTES VISUAIS · CARICATURA

VISUAL ARTS · CARICATURE · M/3 · 180'

Caricature · António La Fata

Compagnia dei Saltimbanchi ^{IT}

Praça da República

21:15 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 30'

SYLI · Isabella Hännikkälä, Ella Laitinen, Jaska

Isola, Viktoriia Adamova ^{FI}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

21:15 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 30'

Nômadas · LaB In Dança ^{PT}

Arquivo Municipal

21:30 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 50'

Mirage (un jour de fête) · Cie. Dyptik ^{FR}

Casa do Moinho

21:30 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 30'

The Amazing Lebart · Cia. Lebart ^{AR}

Rua dos Descobrimentos

21:40 · DANÇA *DANCE* · M/3 · 16'

SKUMO · Orla Hardie ^{UK}

Jardim da Biblioteca Municipal

21:45 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 30'

Curioso! · Capuchini Circo ^{ES/AR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

21:50 · CIRCO *CIRCUS* · M/6 · 10'

Donde nace el color

Sebastian pi Kering ^{BE/AR}

Parque Urbano Condes de Fijô (Piscinas) – Tenda

22:00 · TEATRO DE RUA · INSTALAÇÃO

STREET THEATRE · INSTALLATION · M/16 · 30'

Ossos de Ofício · Inês Vieira

e Tiago Vieira ^{PT}

Jardim da Biblioteca Municipal

22:15 · CIRCO · TEATRO FÍSICO

CIRCUS · PHYSICAL THEATRE · M/3 · 30'

Virulana · Merlina ^{PT/AR}

Arquivo Municipal

22:15 · CIRCO · CLOWN

CIRCUS · CLOWN · M/3 · 40'

Atempo · Gato Blanco Gato Negro ^{AR}

Rua dos Descobrimentos

22:30 · TEATRO DE OBJETOS · MÚSICA

OBJECT THEATRE · MUSIC · M/6 · 50'

B-O-M! · Cie. Le Piston Errant ^{FR}

Praça Dr. Gaspar Moreira

22:30 · CIRCO *CIRCUS* · M/3 · 25'

99 Grammi · Cia. Lupa ^{IT}

R

Informações Informations

- Os espetáculos são de acesso gratuito.
- A lotação está condicionada à capacidade de cada espaço de apresentação, pelo que se recomenda chegar com antecedência.
- Em caso de condições meteorológicas adversas ou situações de força maior, a programação poderá sofrer alterações de última hora, sem aviso prévio.
- As crianças devem ser sempre acompanhadas por adultos.
- Durante o festival poderão ocorrer cortes temporários de iluminação pública, de forma a possibilitar a realização de alguns dos espetáculos.

· All performances are free of charge.
· Capacity is subject to the limits of each presentation space, therefore early arrival is recommended.
· In the event of adverse weather conditions or situations of force majeure, the programme may be subject to last-minute changes without prior notice.
· Children must always be accompanied by adults.
During the festival, temporary interruptions to public street lighting may occur in order to allow certain performances to take place.

Shuttle

Para facilitar o acesso ao centro histórico e reduzir a pressão de estacionamento na zona, será disponibilizado um serviço de shuttle com ligação entre o Europarque, onde poderá estacionar a sua viatura, e os principais locais do evento.

Os horários do serviço podem ser consultados em www.imaginarium.pt e nas paragens situadas no parque de estacionamento do Europarque e na Avenida Dr. Belchior Cardoso da Costa (festival).

To facilitate access to the historic center and reduce parking pressure in the area, a shuttle service will be available, connecting Europarque, where you can park your vehicle, with the main festival locations.

Shuttle schedules can be consulted at www.imaginarium.pt and at the stops located in the Europarque parking area and on Avenida Dr. Belchior Cardoso da Costa (festival area).

Equipa Team

O Imaginarius existe porque há uma equipa que o torna possível. Muitas mãos, muitos olhares, muitas decisões invisíveis que sustentam cada momento vivido no espaço público.

É nesse trabalho coletivo que se cruzam artistas, equipas técnicas, produção, mediação, comunicação, parceiros institucionais, serviços municipais, forças de segurança, proteção civil, voluntários e todos aqueles que, nos bastidores, garantem que o festival acontece.

A todos e a todas, o nosso reconhecimento.

A lista completa da equipa pode ser consultada em www.imaginarium.pt.

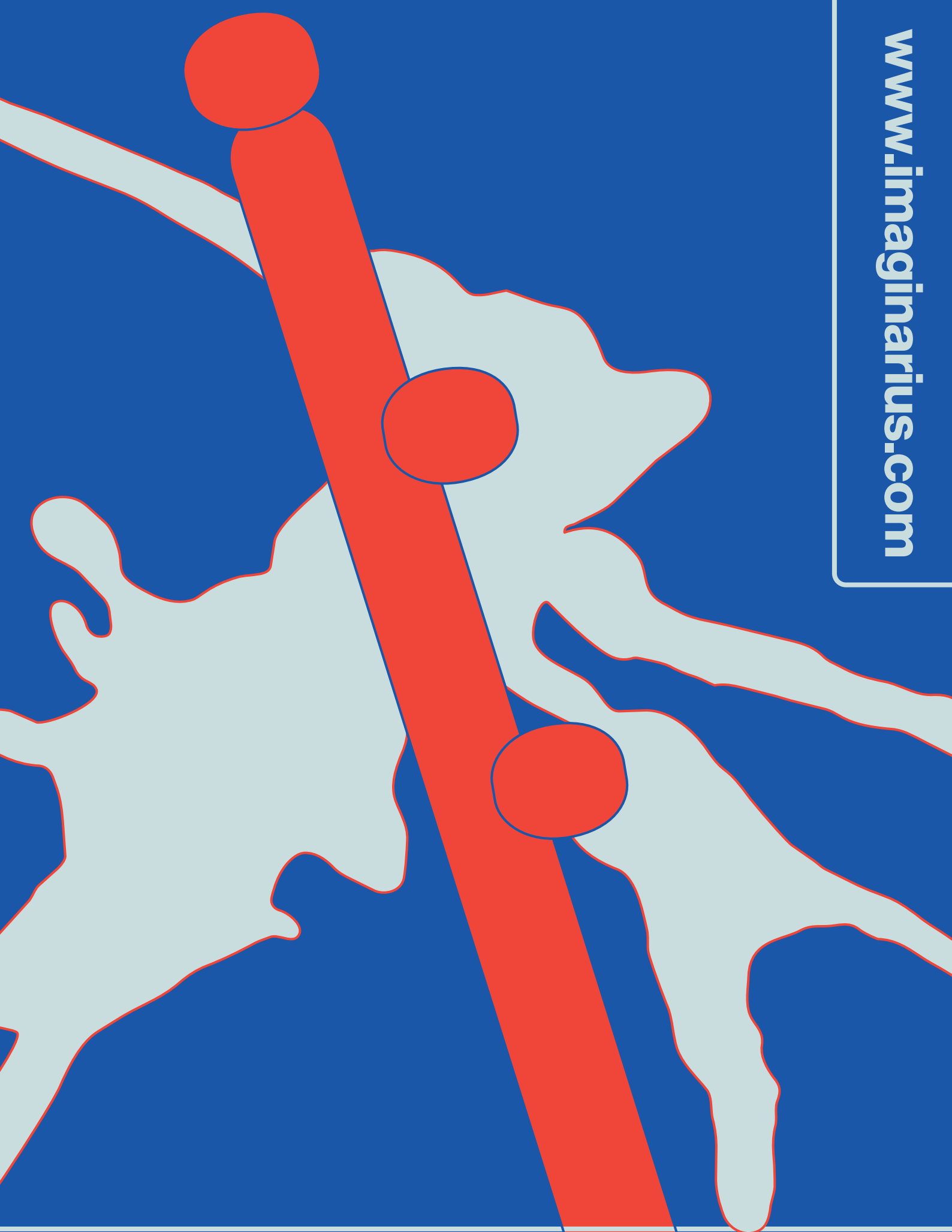
Imaginarium exists because there is a team that makes it possible. Many hands, many perspectives, many invisible decisions that sustain each moment lived in public space.

Within this collective work, artists, technical teams, production, mediation, communication, institutional partners, municipal services, security forces, civil protection, volunteers and all those working behind the scenes come together to ensure the festival happens.

To each and every one, our recognition.

The full team list is available at www.imaginarium.pt.

www.imaginarium.com



Organização
Promoter



Parcerias institucionais
Institutional partnerships



SERRAVES

Apoio logístico
Logistic support



caetano | 

Agradecimentos
Acknowledgments



Redes internacionais
International networks

CIRCOSTRADA



Parceiro de comunicação
Media partner

RTP 2